

# Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVII

Março de 1996

Nº. 3



IMPRESSO

## **EDITH GAERTNER —**

Nascida em Blumenau  
no dia 22/03/1882.

Estudou arte  
dramática na  
Alemanha, onde  
atuou como atriz.

Faleceu em  
15/09/1967, doando  
seu patrimônio à  
municipalidade,  
constituindo  
atualmente o

**MUSEU DA FAMÍLIA  
COLONIAL.**

**A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES**  
A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAIS DURANTE O CORRENTE ANO:

- AIGA BARRETO M. HERING
- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARNALDO BUERGER
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPRON ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- POSTO HASS LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SUL FABRIL S/A.
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECAÂNICA LTDA.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVII

Março de 1996

Nº. 3

## SUMÁRIO

Página

Verbetes para Dicionário de História (4) — Theobaldo Costa Jamundá .....	66
A Confeitaria Tönjes: Da Frisia para Blumenau e a Rua 15 — Werner Henrique Tönjes	68
Saudosismo do carro de molas — Orlando Olinger .....	74
Notícias do Município de Penha .....	76
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	77
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta .....	79
Curiosidades de uma época - XL — S.C. Wahle .....	81
Memória histórica de vitoriosa colonização .....	82
Registros de Tombo de Brusque (III) — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	87
Aconteceu... há 50 anos — José Gonçalves .....	90
Aconteceu... — Janeiro de 1996 .....	91
"Ô Catarina" reaparece com muito vigor e valores reais .....	92
Rua XV, mão única (I) — Gervásio Tessaleno da Luz .....	92
Cartas .....	93
Genealogia das Famílias Gehrent — Schmidt e Silva - Gorges .....	94

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Editor responsável: José Gonçalves — Reg nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 20,00

Número avulso R\$ 5,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 40,00

Rua 15 de Novembro, 161 — Caixa Postal 425 — Fone 326-6787  
89010-001 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

CLICHÊ: Cortesia da CLICHERIA BLUMENAU.

# VERBETES PARA DICCIONARIO DE HISTÓRIA (4)

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

## (1) O LIVRO DE J.D. TEM 79 ANOS

Circula nas livrarias o livro de JOSÉ DEEKE, O Município de Blumenau e a História de seu desenvolvimento (1995). Porque apareceu em alemão em 1917, admitimos que estava raro e esgotado. Foi uma limitação natural não ter sido escrito no vernáculo ou se diga melhor, não ter edição na língua de abrangência nacional. Quando Curt Stroisch, em Indaial, dos meados de 1940 me presenteou com este livro, aquela edição já estava com 28 anos. Estava esquecida, infelizmente.

O livro foi inscrito na bibliografia catarinense setor das letras alemãs e agora em português faculta o merecimento de pertencer também a quem não sabe ler na língua de sua primeira edição.

É livro confiável e de importância maior avaliado pelos itens: (1) A dignidade pessoal, política e intelectual do autor; (2) O autor ter sido motivado convlvente no caldeirão dos acontecimentos; (3) E, exatamente, ser um livro escrito em 1917, que veio ser ano anterior ao fim da "Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Nós famintos e sedentos por informações do período, no qual o Pangermanismo (pensamento político de Bernhard von Bulow, 1849-1929) foi sugerido aos blumenauenses e outros como doutrina para alcançar organização de minoria racial (Cf. a brusquense cientista social GIRALDA SEYFERTH, Nacionalismo e Identidade Étnica — FCC, Edições, 1981) colocamos José Deeke no grupo dos teuto-brasileiros onde esteve também outro nascido em Itajaí-SC, chamado Lauro Müller (1863-1926) e mais ainda aqueles inesquecíveis irmãos Konder: Adolfo, Arno, Marcos e Víctor. Eles daquele grupo ofereceram permanente e zeloso respeito à Pátria dos avós germânicos, sem admitir discutir a

nacionalidade brasileira com a marca catarinense.

Este livro de José Deeke oferece versões que esclarecem ou até contradizem, algumas já divulgadas: (1) Seja na História política capítulo da Revolução de 1893; (2) Seja no problema do relacionamento imigrado e índio.

Supomos o depoimento de José Deeke ser confiável por que está na edição do livro datada de 1917. E ele ter sido participante no entrevero de Blumenau correlligionário do governador Lauro Müller e quanto ao assunto: índio e imigrado; saber por herança familiar, os eventos personificadores de quem foi o comandante da "Guarda contra o índio", Frederico Deeke (1829-1895). E quanto ao enraizamento de brasilidade, tome-se que José Deeke, teve ancestral de nome **Carl Deeke como Voluntário da Pátria e que da Guerra do Paraguai não voltou.**

Sobre aquela tropa blumenauense que engrossaria às fileiras do "Batalhão de Voluntários "Lauro Müller". — Diz que viajou por vias fluvial e marítima até Porto Belo, SC. E ali perto em Tijucas, SC, recebeu a ordem: "**Voltem! — Não quero derramamento de sangue e por isso renunciei.**" E ela regressou por itinerário que inclui Nova Trento, SC, e Brusque, SC.

Imaginamos que ocorrerá providência administrativa determinadora da distribuição de exemplar do livro de José Deeke por todas bibliotecas escolares catarinenses. — Ele foi consorciado com a escritora Emma Rischbieter Deeke (1885-1950).

## (2) — BLUMENAUENSE! — QUAL TUA HOMENAGEM PARA E.O.?

O ano passado 1995, ocorreu o transcurso do sesquicentenário de nascimento

do barão do Rio Branco (o diplomata e estadista José Maria da Silva Paranhos, bacharel em Direito pelas faculdades de São Paulo, SP, e Recife, PE) — Quem lhe deu a dignidade do baronato, foi a Princesa imperial do Brasil e condessa d'Eu Isabel. Tinha nome tão extenso que para o vulgo foi apenas princesa Isabel. Três vezes foi regente do império brasileiro, na ausência do papai D. Pedro II. — Ela viveu o período 1846-1921.

O diplomata passou a ser Barão do Rio Branco em 1888. E por sorte e competência, já ministro das Relações Exteriores desde 1902, foi quem apresentou o interesse brasileiro na pendenga de limites: Brasil x Argentina. **Este evento está na História com o nome de "Questão de Palmas."**

O laudo arbitral conseqüente exaltou a liderança e a inteligência do Barão. E ele fez questão de salientar que a competência da Diplomacia argentina não fora afetada: apenas não dispusera das provas incontestáveis. Aquele laudo arbitral que ilustrou o ministro-historiador e, definitivamente, integralizou no território brasileiro dos catarinas, a fração do grande Chapecó, antes discutida.

Convém apreciar duas informações: (1) A de que o ministro Rio Branco contou com a colaboração do ex-ministro das Relações Exteriores, no período de 19.03.1896 a 15.11.1898, o baiano eng<sup>o</sup>-militar Dionísio Cerqueira, aquele que além experiente conhecimento da área em litígio foi o fundador da povoação de Pepiriguaçu; (2) E também por que orientou-se, no ponto geográfico, de era necessário operar competentemente, a locação do Rio Santo Antônio.

E aí foi utilizada a suficiência profissional do eng<sup>o</sup> Emil Odebrecht (1835-1912). E a atividade exigiu dele, exatamente, todos os recursos das especializações acadêmicas adquiridas na Universidade de Greifswald (Alemanha). — Imagine-se

quão distanciado do chão blumenauense onde vivia a família nos abeiramentos do ribeirão Garcia. E disse ele relatando, que nos fazeres da locação do rio Santo Antônio conviveu com a mais agressiva solidão do sertão bruto: nenhum animal, nenhum pássaro, nenhum índio. Ele e os auxiliares das tarefas diárias, quando saíram daquela paisagem tão estranha, benzeram-se olhando para o céu.

É preciso valorizar o conteúdo daquela atividade, fração dos 53 anos da vida brasileira do engenheiro prussiano que foi naturalizado brasileiro pela dinâmica de duas conseqüências: (1) De direito por ter sido Voluntário da Pátria para a Guerra do Paraguai; (2) De fato por ter consumido grande parte da vida nas tarefas operadas nos sertões.

E foi naquele sertão inóspito que produziu a contribuição instrutora de uma certeza geográfica. E produzindo ofereceu para o texto do interesse brasileiro redigido pelo barão do Rio Branco, o dado fundamental relacionado com as posições dos rios Santo Antônio e Pepiriguaçu. A certeza geográfica foi captada pela inteligência do presidente Grover Cleveland (dos EUA) na qualidade de arbitrador escolhido pelos litigantes. **E fecundou o sucesso aguardado pelos brasileiros: principalmente, os envolvidos no redemunho da "Questão de Palmas": os Catarinas.**

O laudo arbitral da "Questão de Palmas", completará cem anos no próximo 1998, no dia seis de outubro. E o blumenauense por opção eng<sup>o</sup> Emil Odebrecht casado com Bertha Bichels Odebrecht, ainda não tem a homenagem condigna. Apesar de além das necessárias atividades profissionais ter plantado árvore genealógica de quinze filhos.

De tudo nesta comentação, aparece na tela da indagação pela valorização da Memória, a pergunta: — Blumenauense! — Onde está o teu reconhecimento à memória de Emil Odebrecht?

#### **BIBLIOGRAFIA DE APOIO :**

GIRALDA SEYFERTH, Nacionalismo e Identidade étnica (1981), VALBURGA HUBER,

Saudades e Esperança (1993), CRISTIANA DEEKE BARRETO, A Família Deeke, In Centenário de Blumenau 1850 — de setembro — 1950 (Blumenau, SC, 1950), T.C.J. e JALI MEIRINHO, Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina, Edeme, Florianópolis, SC. THEOBALDO COSTA JAMUNDA, O Prussiano que a mata abrasileirou, in "Blumenau em Cadernos" n.ºs. 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7, fev.º a julho, 1994.

---

## A Confeitaria Tönjes: Da Frisia para Blumenau e a Rua 15

(Werner Henrique Tönjes)

### IV Parte

A Dra. Tanja Hess reside hoje na Alemanha e mantém correspondência com o autor. Outro filho Gerhard, moço novo, desapareceu entre os combates também no final da guerra e até hoje está incluído na categoria dos desaparecidos da Cruz Vermelha Internacional. O Willi com sua esposa blumenauense de nome Irma, nascida Uhlendorf, e com seus dois filhos Harry e Karin, estes nascidos durante a sua permanência na Alemanha, logrou voltar a Blumenau onde exerceu a profissão de massagista e barbeiro. Seus clientes eram pessoas com dificuldades de falar o português. Já o proprietário, Sr. Harry Krepsky, adorava contar histórias sobre as suas caçadas de macucos e a julgar pelo número contado, eram milhares os pássaros caçados. O Cléo até hoje exerce a profissão na galeria Schadrack. Fregueses de barba dura eram evitados, ou melhor, nenhum profissional atravessava a rua. Se, porém, os cinco profissionais já estivessem atendendo e fossem surpreendidos pela vinda de um cliente de barba difícil que esperava a vez lendo o jornal, os barbeiros começavam a atrasar o serviço, que era então chamado "corte tartaruga" ou "corte caranguejo". Um código era usado para se comunicarem, como por exemplo: "o dia vai ser longo" ou ainda, "tem gente que vai se aposentar..." e mais "solta o freio de mão", convidando o colega ao lado a

trabalhar mais ligeiro. Se nenhuma destas frases surtisse efeito, então se dizia: "quem começa primeiro termina primeiro". O profissional a quem era dirigido o código tinha que terminar o serviço. Imediatamente após este por o indesejável cliente de barba dura em sua cadeira, seguia-se um desfraldar de toalhas em direção ao profissional que estava tentando se livrar de tal tarefa "titânica". Até agora, não se tinha idéia de por que um corte de cabelo poderia durar 10 ou 110 minutos... Recordo-me do amigo da família Otto Sonnemann, na ida e vinda na sua loja de tecidos, chutava as sujeirinhas da calçada com o seu sapato. Os pontos de ônibus existiam na Rua XV nos dois sentidos. E as pessoas que esperavam a condução jogavam cascas de tangerina e caixinhas de fósforos vazias no chão, o que incomodava este comerciante. A calçada deveria ser tão limpa para o Otto, como no seu país de origem — a Áustria. Havia também uma dupla de ébrios que a altas horas da madrugada, cantando, subiam e desciam a Rua XV e eram apelidados de "Alalaô" e "O vento levou". Quando não apareciam ninguém dormia, pois todos esperavam a algazarra passar para, em seguida, relaxar. Havia também a "Miss Meia-Noite". Na Confeitaria, novos clientes surgiram em 1946: Curt Max e Lottie Lebrecht e Walter Kaeser e Senhora, fabricantes do tradicional chocolate Satur-

no, começaram a frequentar a casa juntamente com o Dr. Heinrich Zimmermann. Era da fábrica Saturno que vinha a matéria-prima de confecção para os doces, bebidas geladas vienenses e sorvetes. Registro aqui o nome de um garçom da velha guarda de nome Herbert Roland Schlindwein. Também observou-se a presença de Thomé Braga, um dos primeiros advogados de Blumenau, de origem lusitana natural da Bahia. Em 1950 houve a comemoração do centenário da cidade e foi uma semana causticante, durante a qual foram vendidos muitos sorvetes e doces. Em 26.07.51, a famosa cantora das quatro oitavas, Erna Sack, fez apresentação no Teatro Carlos Gomes após ter sido ovacionada muitos meses no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Após o espetáculo no teatro blumenauense, veio beber café no Tönjes. Neste momento, acabou a energia elétrica. Uma vela foi acesa e levada à mesa da grande cantora internacional. Com o sorriso nos lábios, Erna Sack esperou o café fresquinho feito no fogão a lenha e autografou. Heinz Geyer, o maestro homenageado com um busto defronte ao Teatro Carlos Gomes, sentava à beira da janela e, olhando as águas plácidas do rio Itajaí-Açu, tamborilava alguma música imaginária e também cantava baixinho algo que se formava em sua mente musical. Em 12.08.51, deixou sua assinatura no livro de autógrafos. Muito mais tarde o seu colega, maestro Kohlbach, outro frequentador escreveu: "Blumenau também canta!" e assinou em 09.04.64. Outros clientes foram: Juca Chaves, Procópio Ferreira, os Zugspielartisten (acrobatas da época, 07.06.66), Araci Balabanian (ela adorava a torta de queijo), Luiza Brunet, Sandra Bréa, entre os muitos artistas que se apresentavam no palco do Teatro e após o espetáculo iam à Confeitaria. Foi justamente no governo de J.K. que os blumenauenses sentiram o efeito do cumprimento da promessa do presidente J.K.: 50 anos em 5, pois com as rodovias novas cortando o Estado de

Santa Catarina, as BRs, houve acréscimo de turismo para a nossa região. Antes, Blumenau era isolada demais e, não raro, os viajantes portavam guarda-pó a fim de proteger as roupas, tão ruins que eram as ruas. Com as novas vias, o progresso veio ao Vale do Itajaí. A cidade, sempre criticada e elogiada por "ter cabelos cor de milho e olhos azuis", assim como Joinville, expandiu-se. Uma frequentadora assídua era também Bertha Slemmer. Ela idealizava os espetáculos teatrais sentada perto da janela da varanda olhando o rio em busca de novas idéias. Outro casal frequentador era Werner Garni e Sra., proprietários da primeira fábrica de tubos de concreto em Santa Catarina em 1951 e do processo hidráulico no fabrico de ladrilhos. Na mesma época, um fato agradável acontecia aos domingos à noite no trecho compreendido entre as antigas Casas Pernambucanas (hoje Colombo) e a praça Dr. Blumenau: o footing. Os rapazes em pé ou sentados nas calçadas apreciavam as moças que iam e vinham pelo centro da rua. Para distração, um cineminha com tela na parede da antiga livraria 43 mostrava filmes e este evento era muito frequentado. Ao lado havia o inesquecível café Pinguim. Apreciador de um bom café na Confeitaria foi nos anos 60 e 70 o primeiro reitor da Furb, Martinho Cardoso da Veiga, cujo busto saúda os visitantes da universidade no hall de entrada. Quem faz uma pausa no 12º degrau da escadaria da Igreja Matriz São Paulo Apóstolo, depara-se com uma inscrição na coluna direita de sustentação do campanário. A placa diz: "PREITO DE GRATIDÃO DO POVO DE BLUMENAU AO REVMO. PE. FREI BRAS REUTER O.F.M. PELA REALIZAÇÃO DESTA OBRA MONUMENTAL, 27.11.63". O vigário Frei Brás organizou uma festa no pátio da igreja. Um cavalete de madeira sustentava um bloco de granito vermelho e ao lado havia uma mesa de madeira. Em cima desta mesa, haviam três martelos: um simples, com cabo de madeira natural, um todo

prateado e outro dourado. Os fiéis eram convidados a martelar conforme suas poses em cima da pedra vermelha. Se o martelo simples custasse a quantia de 5 reais, o prateado era 10, e o dourado, 20 reais para cima. A fila paroquiana era enorme e os blumenauenses participaram. Todas as marteladas eram ouvidas pelo frei vigário com enorme satisfação e mais ainda sorria quando o martelo dourado brilhava ao sol descendo sobre o granito. Muitas vezes, frei Brás, olhando firmemente para o pároco, pedia a repetição do ato. E a igreja foi construída. Frei Brás não permanecia muito tempo no Tönjes após a celebração de um casamento, pois era muito dinâmico. Era comum a gente ouvir as badaladas do relógio a cada quinze minutos, meia hora e às horas cheias, sendo que, às 06:00h, às 12:00h e às 18:00h batia as Ave Marias como nas igrejas européias. O carrilhão tocava generosamente aos sábados, às 16:15h e às 18:45h com chamada para o culto, 15 minutos antes de começar o mesmo. Aos domingos o carrilhão tocava às 07:15h, às 08:45h, às 17:15h e às 18:45h. Se havia uma excessão era defeito da máquina ou algum evento extraordinário, como no caso da morte do Exmo. Sr. Presidente Tancredo Neves. Quem mora nas proximidades da Torre, ouve o engasgo do relógio quando anuncia as horas, indicando seu passado laborioso. Também o historiador e ex-prefeito blumenauense José Ferreira da Silva em 18.09.64 escreveu: "No jardim de verão<sup>12</sup>, relembro os velhos tempos, Blumenau do passado, Blumenau no presente. Como ontem, como hoje, sempre feliz, sempre contente." Um grande número dos antigos alunos dos colégios centrais e outras pessoas, mais tarde cidadãos de expressão e projeção em todos os campos de atividade em Santa Catarina e em outros estados como, por exemplo, o atual prefeito Rena-

to Vianna, foram um dia ao Tönjes, onde pessoas iam ver e serem vistas. Como se diz: "Wer kennt die Völker, wer kennt die Namen die uns besuchen kamen?" — Quem conhece a gente, quem conhece os nomes de quem nos visitou? Eram as primeiras-damas do Município de Blumenau grandes degustadoras dos doces, como por exemplo, Marita Deeke (Sasse). Desde tenra idade, acompanhada de sua mãe, frequentava a Confeitaria. O rio Itajaí-Açu era irresistível de se contemplar e fazia bem ao espírito. Não se conhecia ainda o stress, só o cansaço. Nos finais de semana uma pequena orquestra, tendo à frente o excelente professor musical e pianista, Sr. Eduardo Kurt Winckler, alegrava o ambiente. "Música é a expressão universal de comunicação de alma para alma", dizia. Usando lentes grossas, ele era um divulgador nato da "arquitetura em movimento", a música, e tocava ao piano ouvindo-as uma única vez, sem o uso de partituras. Foi um grande artista. Muitos casais dão o testemunho de terem se conhecido na Varanda. A boa fama doceira blumenauense deu-se a todos os estabelecimentos concorrentes como o café Socher dirigido pelo seu proprietário Hugo e locado para Gustav Frank e mais tarde Victor von Rogoschin, um dos melhores do Estado — Hugo era "doutor" em doces e ensinou muitos confeitores na cidade — o Polar do Santana, o Flórida, com sua famosa torta de queijo onde hoje é a agradável pastelaria chinesa com suas refeições rápidas, o Benthien, o Greuel, o Expresso, o Cine Bar, o Benken-dorf citando os de maior fôlego através do tempo. Atualmente outras confeitarias continuam o bom nome de Blumenau no ramo. Interessante era o fato de que cada final de mês, Henrique mandava seu filho Werner Henrique espionar o movimento da concorrência. Números de clientes eram registrados, assim como quan-

**(12) Jardim de Verão Tönjes, o anexo da casa, ao ar livre com sombrinhas coloridas e terraço com vista ao Itajaí-Açu situava-se no terreno onde havia uma edificação em que residiam os professores Mueller e Kreibich.**

tas mesas e o que era consumido. Soube mais tarde, por garçons trabalhando nestes locais, ser comum o proprietário concorrente mandar algum empregado fazer o mesmo, de bicicleta, pedalando toda a Rua XV. Tivemos bons vizinhos na XV. Os nomes a seguir relacionados são, na maioria, dos anos 40 e 50 adentrando nos anos 60. Não estarão rigorosamente em ordem cronológica com o devido pedido de perdão para eventuais falhas.

No lado direito da Rua XV, baseando-se pelo curso fluvial, onde os altos da via pública são rio acima, tínhamos: Grupo Escolar Luiz Delfino, próximo ao Fórum, Banca Miro, a primeira banca de metal com venda de revistas de Blumenau, Willy Sievert, Farmácia Guimarães, Cirurgião Dentista Guido Kaestner, Schwertfeger, Padaria Schmidt, Fiambreria Globo do Wachholz, era típico do proprietário, muito solícito e alegre, ter sempre um lápis preso pela orelha onde quer que se encontrasse, no interior da loja. Ele sempre dizia: "Es ist Feuer meine Leute" — É fogo minha gente, referindo-se ao acúmulo de serviço em sua loja, que era a sua vida. Clínica das Canetas de Fritz Reimer, Lojas Pawlovsky, Loja Willy Mischur, até 1957. Mais tarde Willy Mischur construiu na Rua XV, nº. 472, uma casa enxaimel legítima, toda de madeira, a Casa Caça e Pesca (Fischer und Jaeger Haus). Infortunadamente, em 12 de abril de 1986, esta construção foi totalmente destruída por um incêndio. Este episódio não abalou o tradicional comerciante já temperado por inúmeras inundações e prejuízos. Reconstruiu tudo e melhor, continuando à frente de seus negócios com 72 anos de idade compondo a velha guarda blumenauense. Hoje em dia são poucas ainda as casas comerciais em mãos de blumenauenses, assim como as suas fábricas. O capital forasteiro de tudo toma conta. O senhor Willy e família eram apreciadores de um dos melhores pratos não tipicamente alemães oferecidos pelo Tönjes: o filé de strogonoff com

champignons e como sobremesa o apfels-trudel com bastante chantilly. Continuando a descrição dos nossos bons vizinhos e clientes na XV, vinha a Tipografia Centenário. Nos altos da Tipografia Centenário, residia o casal Luis e Helga Rischbieter, pais de Carlos Rischbieter, Ministro da Fazenda do Governo Figueiredo. Ele não ouvia direito e tinha um aparelho de surdez e ela não andava bem. O casal apoiava-se mutuamente e preenchiam as suas deficiências. E todo o domingo saboreavam a canja especial de galinha da casa. Depois vinha a Barbearia Fischer, Café Benthien, introdutor da máquina italiana de café a vapor e à La Crema, para um saboroso cafezinho com espuma. Adiante vinha Hotel Cruzeiro, Casimira Nobis de André Martins, Vidraçaria Wagner, Representações Norberto Heusi, Livraria Evangélica do Vollrath, Casa das Malas Bernhardt fundada pelo Ewaldo em 1929 e sucedido por Gerd e Ingo, Hotel Central, Sorveteria Moderna do Greuel, Hermes Macedo, Lojas Zadrozny, Frieda e Teófilo Zadrozny, Rádio Pilot do Gossweiler, Móveis Cimo, Rua José Ferreira da Silva (era somente um caminho para o rio), Hotel Elite, depois vinha uma lanchonete que até hoje lá está. Em cima deste local, situava-se a Livraria Alemã, fundada por Paulo Koenig. O acesso era difícil e os clientes alemães idosos queixavam-se da escada quase vertical. Lá chegando, a gente deparava com o paraíso dos leitores em língua estrangeira, isto de 1956 em diante. Antes desta época, o Paulo empregava bicicletas para entrega a domicílio do jornal "Brasil Post". Com a sua atuação a Livraria Alemã contribuiu para a manutenção da língua germânica no Estado. Após a saída da Livraria Alemã do prédio o espaço foi ocupado, durante certo tempo, pelo grande poeta blumenauense Lindolf Bell. Na casa ao lado havia o escritório do tradicional Dr. Arno Odebrecht e, no térreo, Foto Hugo sucessor do Foto Schmurr, e a casa comercial de Otto Sonnemann, su-

cedido pelo Pamplona. A loja de tecidos do Otto Sonnemann que se situava na casa de Leopoldo Rabe e Agnes Rieschbieter Rabe tinha a numeração 98, pois era a 49ª casa do lado par e direito da Rua XV a partir do início da rua na confluência com a Alwin Schrader. Era o método alemão de numeração. Antes da Guerra a numeração mudou para 1100 que significa a metragem transcorrida do início da rua. A Rua XV tem aproximadamente 1850 metros. Continuando, tínhamos Representações Werner Frillmann, Snooker Campeão, Casa Flesch, Wollinger, Casa Moellmann — Schadrack, Fritzsche e Stodick, Relojoaria Suíça de Fredolino e Rita Schwabe, Hotel São José — onde hoje é a ponte. As inundações de 83-84 demonstraram acerto do planejamento na construção da ponte Adolfo Konder. Ela foi construída para ir de encontro às águas. Quanto mais pressão fluvial, mais as fundações se firmam na base, pois é levemente inclinada para baixo no lado de onde descem as águas. Nas referidas enchentes de 83-84, as águas batendo violentamente na calçada da ponte ficavam represadas, passando pela praça professor Mosimann descendo a Rua XV e fazendo a volta retornando até a praça enquanto que outras, desciam. Em seguida vinha a Some Ltda. do Migueis no prédio da Livraria Carl Wahle com o pomar anexo onde a Frau Wahle cultivava as mais lindas e caras rosas vermelhas da cidade considerando-se o valor imobiliário, em seguida, Bar e Café Tönjes. Nosso vizinho era o professor Mueller, proprietário de um carrinho "pulga" marca Peugeot que o conduzia valentemente pelas ruas da cidade. Ele costumava sentar no caramanchão que dava frente para a Rua XV e, ao anoitecer, acompanhado de sua esposa Irene, dos seus dois filhos Margot e Ingo e da Clara, fumar um bom charuto e observar o movimento. O professor Mueller dava aulas nos colégios Santo Antônio, Sagrada Família e D. Pedro II nas disciplinas de inglês e latim. O mes-

tre era severo e amigo com os alunos. Quando mudou-se para a Rua Paulo de Freitas Melro todos os seus alunos consideraram uma honra a oportunidade de auxiliar no transporte de seus pertences. Era o organista em todas as missas dominicais. Ao lado, residia o professor Kreibich. Uma vez demolidas estas residências, construiu-se o Jardim de Verão Tönjes e mais tarde, o prédio Strassburger Calçados. Max Konradt e Iná Banfi, com Escritório de Advocacia Dr. Mussi. A seguir, Relojoaria Baier de Paulo Baier — cliente e amigo da família Tönjes, escreveu: "eu gosto de tomar café aqui, sendo de primeira qualidade (07.02.74)", sucedido pelos Weickert, Max e Elsa Puetter da Casa Nova, Prosdócimo gerenciado por Frederico Carlos Allende (uma rua leva o seu nome) bebia café com dirigentes da Prosdócimo de Curitiba, Joana Hering, Dr. Espindola, Bernardo e Renate Hering, Cerealista Catarinense de Jaime Laus, Rolf Scheidemantel, Foto Dietz de Guenther Schroeder, Cia Telefônica, Tipografia Emilio Jacobs, Volles, Contabilidade Kaestner, Residência de Paul Hering, Rua Rodolfo Freygang, Distel, Relojoaria Schwabe de Oswaldo e Rita Schwabe, Farmácia Haufe, Loteria Esportiva, Schmalz, Hans Kegel, Sebald Otte, advogado Dr. Borba, Eberhardt, Schadrack, Representações Goemann (o Rodolfo era sempre visto caminhando com o seu cachimbo fumegante pela Rua XV), Banco Inco, Rua Floriano Peixoto, Bar Gato Preto de Artur Stammer, Relojoaria Cronos (seu proprietário, Edmundo Hoesch, veio em 51 da Alemanha para Blumenau e expôs durante muito tempo na loja situada no prédio do Sr. Fuchs, do Bazar, um relógio construído por ele mesmo desde um simples parafuso até a peça maior — uma verdadeira raridade exposta na Rua XV), Farmácia Catarinense, Hotel Seiffert — o proprietário era marinheiro, as janelas do hotel, com vista ao rio eram em formato de escotilhas. Envenenou-se quando, após a morte de sua esposa, se alimentou de

conservas crustáceas, guardadas em geladeira nos tempos de crise energética. O seu conhecimento da língua portuguesa<sup>13</sup> era escasso. Certa vez, perguntou a um amigo como se escrevia no recibo de locação "aluguel". Não ouvindo bem a pergunta, este amigo entendeu outra palavra. Em alemão, a pronúncia "MIETE" significa aluguel e é parecida com a palavra "MUEDE", que significa cansado. Seifert escreveu no recibo "CANSADO Recebi 30 dias de CANSADO... Assinado Seifert". Em seguida vinha a Confeitaria Polar do Santana, Buerger (Arno foi o 1º. festeiro da festa do Divino Espírito Santo e depois também o foi seu irmão Ariano), Fiambreria Seleta do Fritz Keller. Josef Friedrich Keller veio no começo de 1940 do Rio Grande do Sul para Blumenau quando estavam construindo a nova ponte no lugar da de madeira sobre o ribeirão Garcia. Na inauguração da Varanda Tönjes ele introduziu o atendimento personalizado na casa e, com sua experiência, aconselhava Henrique como dirigir melhor o estabelecimento, que permanecia aberto até três da madrugada. Era o tempo em que a alta sociedade frequentava "o ponto elegante de Blumenau", a Varanda Tönjes. Fritz comprou a Confeitaria Polar do Sachtleben em 01.09.41 e a dirigiu até 31.12.48 quando passou o negócio para o Pedro Santana. Em 01.07.49 surgiu a primeira fiambreria de Blumenau de artigos importados, sementes de hortaliças e flores da Dinamarca, vendidas para todo o Estado. Colonos do Alto Vale, 90% descendentes de alemães, adentravam no seu estabelecimento pedindo analgésicos e comprimidos contra dor de cabeça, confundindo o estilo novo e diferente da loja com uma farmácia. Segundo Fritz, o maior prejuízo dos comerciantes na parte baixa da Rua XV eram as constantes enchentes. O desânimo era alto e o primeiro impulso era de vender tudo e abandonar a cidade. Mas, sendo a maior parte imigrantes europeus e descendentes acos-

tumados às guerras e outros infortúnios na Europa, erguiam as cabeças e, unidos no espírito comunitário irmanados pela desgraça que à todos abatia igualmente, juntavam as forças e em poucos dias a cidade voltava ao normal, com os forasteiros perguntando: "onde tinha água aqui?". A enchente de 1957 trouxe 1,60m de água para dentro da loja da Fiambreria Seleta. Todavia, o exemplo da tenacidade já havia sido dado, inicialmente, pelo Dr. Blumenau, que perdeu a sua serra-ria, então recentemente importada da Alemanha. Foi justamente a grande inundação de 1983 que motivou um evento que tirasse Blumenau do prejuízo e alegrasse o povo. Assim, aconteceu a Oktoberfest 84, na gestão do prefeito Dalto dos Reis. Seguindo a Rua XV ainda, o Bar Flórida, Alfaiataria Ervino Lemke, pai do professor universitário e Dr. Nardim Lemke amigos da família, Rua Nereu Ramos, Jardim Dr. Blumenau, Café Socher do Hugo — um dos melhores de Blumenau, Escritório Dr. Arão Rebelo, José Juvêncio Laux, Foto Alfredo Wilhelm — primeiro cônsul da extinta DDR que muito beneficiou a cidade com doações culturais e médicas, por seu intermédio, obtidas da Alemanha Ocidental. Seguiu-se o Posto de Gasolina de Walter Meier, o primeiro de Blumenau onde hoje situa-se o BANESPA. Antes do posto de gasolina, havia uma edificação de 2 andares com agência da Real Aero-íneas representada pelo Tallmann, e moradias particulares. No térreo, o Bar Blumenauense de Matheus Fabian com início de atividades em 26.05.41 continuado por Gilberto Gomes em 01.10.42 até 22.07.43 e antes desta época havia um poste de força luz com uma marcação das enchentes onde se lia "1911". Uma trave de madeira servia para amarrar os cavalos, "o estacionamento eqüino da época" defronte ao hotel Holetz, hoje BRADESCO e Grande Hotel. Em seguida vinha a ponte, a praça da antiga prefeitura. Segundo W.S. a figueira da praça é filha da cente-

(13) Contado por Beno Guenther.

nária espécime da praça XV em Florianópolis. Depois, Clube Náutico América, base das embarcações a remo e local de muitas festas. Note-se que havia construções de até 4 andares na Rua XV, pada-

ria, açougue, pomares e terrenos baldios, com carros de mola circulando, poucos carros com motor e explosão e muitas bicicletas.

(continua no próximo número)

## «SAUDOSISMO DO CARRO DE MOLAS»

Orlando Olinger

Sob o título acima, "Blumenau em Cadernos" publicou . . . (20/07/91) uma carta escrita por um amigo da juventude, Nelson Vieira Pamplona (RIO).

Pouco depois (04/01/92) outro colega, Knut Ewald Koster Mueller, de Niterói-RJ, voltou ao assunto, sob o título "Reminiscências", citando com detalhes, o trabalho do meu saudoso pai, José Olinger.

No desempenho da sua profissão de Ferreiro, José teve efetiva participação, numa época em que, melhor seria denominá-la de "No Tempo das Carruagens", qual seja um verdadeiro e turbulento "Faroeste".

Nascido em Itajaí e criado em Brusque, papai saiu à luta, muito jovem. Trabalhou em Gaspar com Karl Wehmuth, que lhe ensinou os rudimentos da profissão.

Aos 19 anos serviu o Exército, na "Campanha do Contestado" em Palmas e Clevelândia-PR. Por merecimento profissional e disciplina, recebeu Menção Honrosa.

Dispensado, voltou à Blumenau, sempre buscando aprimorar-se. Deu-se muito bem, pois adorava lidar com cavalos e charretes, herança provável dos antepassados, oriundos de Luxem-

bourg, às margens do Rio Mosella.

Em 1928, casou-se com Elsbeth Ohrt, descendente dos prussianos de Trier.

Comprou a Oficina em que trabalhava do Sr. Erwin Bugmann, iniciando uma difícil carreira, conseguindo granjear a confiança de vasta clientela, na maioria colonos alemães, italianos e poloneses.

Nasci em 1930, envolvido num intenso clima de trabalho onde os esforços do Seu José, eram apoiados pela minha mãe Elsbeth, que falando alemão e português, cativavam aquela gente simples e laboriosa.

Este preâmbulo é necessário, pois desde criança, junto com meus irmãos Ivo, Carmem e Lilian, fui me envolvendo e participando, trabalhando de sol a sol, pois o relógio era quase supérfluo.

Os meios de transporte na época eram bastante primitivos, consistindo em animais de montaria, de tração p/ carroças, alguns ônibus, além de poucos automóveis particulares e os de alu-guel.

Quando irrompeu a 2ª. Guerra Mundial (1939-45) na qual o Brasil participou após 1942, surgiram novas opções: a gasolina

era importada e os veículos auto-motores não recebiam combustível. Optou-se por adaptar-lhes o gazogênio, movidos à lenha ou carvão vegetal. Era dispendioso e mal cheiroso (perdão pela rima), além de barulhentos.

A época era propícia e o gênio inventivo de Seu José se revelou em capacidade e plenitude.

Adquiriu um "Fiacre" ou Coche francês, desmontou e construiu um modelo com características próprias, adequado às estradas não pavimentadas e que nas monções se tornavam quase intransitáveis para outros veículos.

Comprou bons cavalos, passando a explorar o transporte de passageiros, sempre mais promissor. Novos modelos, construídos com capricho e rapidez, especialmente o tipo "Canguru", com tódo arredondado na traseira, com pintura à "Duco" da Oficina Grahl, estofados a couro pelo Erinho da Auto Capa Rio, com filetes na pintura, flores na traseira, feitos pelo Sr. Paulo Shaeffer.

Virou linha de montagem, a "terceirização" trouxe os eixos patentes e os feixes vinham de São Paulo, das Molas Fabrini.

Merece especial destaque, a substituição dos aros de ferro maciço, por frizos (aros) em forma "U" em cujas canaletas eram encaixados pneus usados de caminhão, recortados para tal fim.

"Seu Olinger" foi pioneiro nesta técnica, que reduzia o atrito nas pedras e macadame, tornando as carruagens silenciosas, ouvindo-se apenas o tropel dos cavalos.

Novos pedidos vinham do interior do Brasil, das fazendas de São Paulo e Paraná. A fama de

"Seu Olinger" se espalhava e os negócios prosperaram. No final da guerra (1945), tínhamos 05 carros na praça, cerca de 25 cavalos escolhidos à dedo, bem ajazados.

Criei-me naquele meio, convivendo com os profissionais ferreiros, carpinteiros e os "bolieiros", condutores das carruagens, cujos cavalos eram revezados à cada seis horas.

Diariamente, por volta das 8:00h da manhã, chegava o trem, procedente de Trombudo, Rio do Sul e Ibirama.

Entrava resfolegando, apitando e batendo sinos na bonita Estação da Estrada de Ferro Santa Catarina, construída em estilo enxaimel, no local onde hoje se encontra a Prefeitura nova, em frente ao Grupo Escolar "Luiz Delfino".

Gente "apeando" dos vagões, ouvindo os bolieiros gritando em alemão "Kutsche" ou "carro de mola" em português.

Embarcados os "fregueses", chicoteavam-se os cavalos, buzinas fonfonando, tropel cadenciado sobre os paralelepípedos da Rua XV em demanda aos Hotéis Holetz, Delphi ou Elite, que eram os cinco estrelas da época.

Todos apreciavam um cortejo de casamento, carros enfeitados com folhas de palmito e flores, colcha bordada no assento traseiro, reservado aos noivos.

A saída da Igreja, estourava o foguetório, cavalos relinchavam e empinavam, assustados!

Gaiteiros esticavam seus bandoneons, tocando e cantando, alegria contagiante, que farra!

Na casa dos pais dos noivos, um lauto banquete esperava os

convidados. As vezes, a festa era num Clube de Atiradores ou no antigo Frohsin, na Palmalle (Rua das Palmeiras). Foi ali, que provei no casamento dos Wirth, Rodolfo e Olie, meu primeiro pastel com azeitona. Que gostosura, repeti pra valer!

Povo alegre e hospitaleiro, a festa "varava" noite adentro.

Tempos inesquecíveis, que marcaram e deixaram saudades nos corações.

Após o fim da guerra, os automóveis, mais modernos, reto-

maram suas atividades.

Até meados de 1950 ainda existiam cerca de 70 carruagens; Daí em diante, o progresso e a modernidade se impuseram.

Abraços aos pacientes leitores e obrigado ao "driblador" Nelson (ou Néfi) e ao amigo Knut.

Realmente, recordar é viver!

E. T. — Saudoso, fiz este relato, num preito de gratidão aos nossos adorados pais, pois quem os conheceu, por certo entenderá.

---

## Notícias do Município de Penha

(Extraídas do Boletim "Informando")

— NO DIA 15 de dezembro/95, pessoas da terceira idade reuniram-se na Sociedade Amigos da Penha e comemoraram o final do ano, com grande baile, animado pelo conjunto musical "Grupo Rota do Sol".

— DE ONZE A QUINZE de dezembro/95, realizou-se torneio de futebol entre comerciantes, cujo vencedor foi a representação da Panificadora Belmar.

— COM O INICIO da temporada, a Polícia Militar da Penha ampliou seu trabalho de policiamento em toda a cidade

— COM MUITA EMOÇÃO, realizou-se a festividade de encerramento da APAE da Penha, cujo desenrolar aconteceu no Grupo Escolar "Rubens João de Souza" e que contou com a presença de professores, pais, alunos e amigos dos excepcionais.

— O PREFEITO JUCELMAR Alcir Coelho passou o cargo ao

vice Assis, licenciando-se pelo prazo de 30 dias. Manoel H. Assis assumiu dia 11.

— NO SETOR DE SAÚDE, a Prefeitura de Penha atendeu, através da Secretaria de Saúde, durante o mês de outubro nada menos do que 5.480 pessoas, gratuitamente, na área de atendimento médico, enfermagem, odontologia, fisioterapia e psicologia. Este número representa 1/3 da população.

— A PREFEITURA DE PENHA distribuiu, no setor de agricultura, 80 toneladas de calcário aos agricultores do município. \*\*

NO SETOR DO Trânsito, melhorou a sinalização através da Secretaria de Planejamento, adquirindo nada menos do que 150 placas de sinalização. A Secretaria de Planejamento é ocupada por Nelson de Souza, que já foi vereador e presidente da Câmara de Vereadores de Blumenau.

## LIÇÕES DE JORNALISMO

Nos tempos em que residi no Planalto, o «Correio do Povo» era o jornal mais difundido e a «Rádio Guaíba» estava sintonizada em toda parte. Seu «som local» e a esmerada programação musical faziam dela excelente companheira no gabinete de trabalho. Por isso, os nomes de locutores, cronistas, repórteres e redatores, tanto do jornal como da emissora, me soam familiares desde muitos anos, inclusive e especialmente o de Flávio Alcaraz Gomes, cujo livro «Diário de um repórter» (Editora Mercado Aberto — P. Alegre — 1995) acabo de ler com grande prazer. Embora o autor e seus temas não se relacionem com nosso Estado, tudo que o livro relata foi acompanhado com interesse por grande número de nossos conterrâneos, de modo que também é um pouquinho catarinense e assim não fujo dos objetivos da coluna ao registrá-lo.

Em largos traços, o livro relata as mais importantes realizações de um repórter corajoso e criativo ao longo de cinquenta anos de uma carreira vitoriosa, com incursões de grande repercussão, tanto no País como no Exterior. Acontecimentos da maior relevância, em qualquer canto do mundo, contaram sempre com sua cobertura, em cima da hora, através do rádio e do jornal, muitas vezes como o único brasileiro presente. Com um «faro» incomum para a notícia, pela qual às vezes parecia ser procurado, tinha com frequência que se valer dos mais engenhosos expedientes para vencer a acomodação burocrática e obter meios de chegar ao palco dos acontecimentos, desde que fossem expedientes éticos e legais. E assim, graças a uma movimentação incansável, não raro frenética, viveu na plenitude a profissão e enfrentou os altos e baixos da vida, em que não faltaram a consagração em atos públicos e até o confinamento por dois anos na penitenciária, onde reforçava as esperanças lendo e relendo o «Papillon.» Mesmo atrás das grades, conseguiu meios de denunciar maus tratos aos sentenciados, através de reportagens de grande impacto. Muito bem escrito e documentado, o livro merece ser lido por todos que escrevem para o público, como manual de jornalismo ágil e instigante.

Apenas em dois pontos ele não me agradou. O primeiro, no que me pareceu uma expressão de simpatia pelo «presidente» Médici, coisa que foge à minha compreensão, e o segundo na forma como são denominado segundo o autor, os brasileiros de Santa Catarina para cima — todos considerados «baianos.» Parece-me um bairrismo que não se casa com o cosmopolitismo do repórter e expõe um preconceito prejudicial ao Brasil. Isso, porém, não diminui o livro, sem dúvida um dos grandes documentos do gênero já publicados entre nós.

## OS LIVROS DO SÉCULO

A Biblioteca de Nova York, usando de critérios próprios, surpreen-

deu o mundo literário com a lista dos 150 livros que considera os mais importantes do Século (1895-1995). Distribuídos em 11 categorias, vêm provocando polêmica em virtude de inclusões e exclusões consideradas inexplicáveis. A própria fixação dessas categorias já provoca dúvidas entre os críticos a respeito da seriedade e da importância da lista. Para nós, porém, o que mais choca é a ausência de autores brasileiros e até mesmo de língua portuguesa. Nem Euclides, Guimarães Rosa e Drummond foram lembrados, ainda que os dois últimos sempre fossem nossas esperanças para o Nobel. Entre o sul-americanos, só Borges e García Márquez conquistaram vagas. Cortázar, Quiroga e Vargas Llosa não mereceram lembrança. Mas, seja por ignorância, como afirmam alguns, ou por preconceito, na opinião de outros, o fato lamentável é que ficamos de fora numa seleção de repercussão mundial que influencia um número imenso de leitores. Muito do que está na lista não tardará a virar **best-seller**, inclusive no Brasil.

### JORNAIS DA O.A.B.

Estão circulando novos números do «Jornal da Ordem dos Advogados do Brasil» (OAB/SC) e «Jornal da Caixa de Assistência dos Advogados» (CAASC). O primeiro destaca a inauguração da nova sede da OAB, na Beira-Mar Norte, e aborda vários temas de interesse da classe, entre eles o magno problema da defensoria dativa, sempre em crise, sem a qual o acesso à Justiça, previsto na Constituição, não se efetiva. O segundo também enfoca inúmeros assuntos relacionados à profissão, entre eles as questões securitária e da previdência privada, ambas da maior atualidade. São publicações de excelente qualidade e apresentação, destacando-se entre os periódicos classistas que conheço. Merecem as diretorias da OAB e da CAASC as nossas felicitações pela excelência de seus jornais. Neles se percebe a competência e a dedicação das jornalistas Denise Christians e Lena Obst.

### UMA CASA PARA NÓS

Graças à iniciativa de Nelson Rolim de Moura, foi criada em Florianópolis a «Livraria Editora Insular», especializada em livros, autores e editoras catarinenses. Nela os nossos escritores, sempre colocados em segundo plano, quando não excluídos, encontram agora um espaço onde serão as figuras de destaque e os motivos centrais de atenção. Ela pretende reunir o mais completo acervo possível de obras catarinenses, editar outras (já lançou três títulos) e levar ao leitor qualquer título desejado, inclusive por encomenda. Diante do ineditismo da idéia, não tenho dúvida de que a «Insular» será um completo sucesso, transformando-se em nossa casa na Capital. Depois do cafezinho no «Ponto Chic», recomendo a todos que subam à sobreloja do mesmo prédio para uma agradável e surpreendente visita.

## VARIADAS

Está circulando mais um número de «Leitura & Prazer», jornal literário e noticioso da Editora da UFSC, recheado de boas matérias. É pena que não alcance o grande público. \*\*\* Anuncia a Editora da UFSC que está ultimando a publicação de «Este amor catarina», fecho da trilogia iniciada com «Este mar catarina» e «Este humor catarina.» A coletânea reunirá vários contistas e terá ilustrações de Rodrigo de Haro. \*\*\* Roberto de Castro Dal'Secchi está organizando mais uma de suas antologias. Nas anteriores vários catarinenses contribuíram com textos em prosa e verso. Os interessados podem escrever para a Caixa Postal 88118 — CEP 26650-970 — Engenheiro Paulo de Frontin — RJ. \*\*\* O Grupo Ação Literária, liderado por Edvaldo de Brito, está expondo e vendendo livros no Shopping Paulista, no centro de São Paulo. Aproveitando o fluxo de pessoas para a feira cultural dos fins de semana, o Grupo alugou um estande onde os autores fazem contato com o público.

---

## REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

---

ATÍLIO ZONTA

### Indaial, Distrito de Blumenau

Indaial, é desmembrado do município de Blumenau, em 25 de fevereiro de 1934, por Decreto do Interventor Federal de Santa Catarina, Coronel Aristiliano Ramos, propiciando-lhe a Constituição, em município autônomo. Sua instalação, em Ato solene aconteceu a 21 de março, na presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas e com grandíssimo concurso de povo. A partir dessa data e pelo mesmo Decreto, Ascurra passou a constituir Distrito de Indaial. Durante vinte e nove anos, Ascurra ficou subordinada ao novo município, e desde então começou a usufruir das vantagens e benefícios trazidos por uma administração municipal, agora mais próxima, do que a de Blumenau.

A partir da emancipação surgem novas perspectivas de progresso e desenvolvimento, quer no setor agrícola, quer no industrial ou na pecuária, em razão da situação geográfica privilegiada, constituindo esses três fatores a fonte principal de renda. Os administradores da nova Comuna incrementaram novos polos de desenvolvimento, com o passar dos anos. Trouxeram para o comércio, uma técnica comercial, empregando e aperfeiçoando elementos essenciais para um melhoramento e rapidez no atendimento dos fornecedores e consumidores, bem como, nos ramos agrícolas e industrial. Os Prefeitos e seus auxiliares foram pessoas competentes, dinâmicas e, principalmente, dedicadas, com amor

e zelo à administração, cujas características se destacaram na atenção aos contribuintes: espontaneidade e simplicidade, delicadeza e o fiel desempenho de suas funções. O município de Indaial, territorialmente, o mais vasto do Médio Vale do Itajaí, cujos Chefes do Executivo granjearam vasta popularidade em razão de apresentarem trabalho e obras em benefício do povo, construções de grande interesse para a população. O comércio, a indústria, pecuária e agricultura floresceram com as novas técnicas introduzidas, iniciando um tempo de apreciável prosperidade. A fertilidade do solo e a acentuada dedicação ao trabalho de sua gente constituída de alemães, italianos e polacos, bem como, a vinda sempre mais crescente de colonos honestos e persistentes e de outras pessoas que abraçaram o ramo industrial e o comércio, progrediu, Indaial, celeremente. Seus municipes muito alegres e amando o trabalho, com vistas sempre, à grandiosa perspectiva de um futuro promissor. A economia indaialense não demorou para passar por um processo de rápida industrialização. A sua prosperidade veio essencialmente da indústria, haja vista, que grande parte dos produtos, que num passado não distante eram importados, hoje, a maioria é substituída por alternativas nacionais ou fabricados no próprio município. Diante desse progresso, os centros urbanos de Indaial, Ascurra e Apiúna, desenvolveram-se com mais rapidez com o passar dos anos, e para onde convergem os povoadores, em busca de ofícios mais lucrativos. E os aspectos dos centros urbanos do

município melhoraram sobremaneira com a realização, também, de obras imprescindíveis. Indaial, tornou-se há muito tempo, uma potência econômica ponderável propiciando fontes de grandes rendas para Santa Catarina. O município começou a ser, já na década de quarenta, um centro de radiação cultural, graças ao trabalho desenvolvido pelo escritor e jornalista, Theobaldo Costa Jamundá que distribuiu uma rica bagagem de cultura, em todo o Médio Vale do Itajaí, com reflexos nos municípios de outros Estados.

No Governo Municipal de Alfredo H. Hardt, pela Lei 787 de 1º de abril de 1963, de conformidade com a Resolução 1/63 da Câmara Municipal é criado o município de Ascurra, cuja solenidade de instalação aconteceu a 7 de abril de 1963. O povo de Ascurra, depois de uma convivência feliz e amável com os indaialenses e os habitantes de Apiúna despede-se de todos, máxime, dos grandes administradores e políticos. Despedem-se, afetuosamente, do Prefeito Alfredo H. Hardt e das demais autoridades, que sempre lhes dispensaram as melhores atenções e guardarão uma lembrança imorredoura em seus corações de todos aqueles, que durante décadas, impulsionaram o progresso. Vamos relembrar os nomes de Germano Brandes Júnior, campeão de longevidade política; de Marcus Rauh, João Hening Filho, Frederico Hardt, Jorge Hardt, Dr. Oslin Costa, Walter Hering, Alfredo Schroeder, João Maria de Araujo, Dr. Wigand Persuhn, José Sandri Sobrino, Dr. Clodorico Moreira, Paulo Cardoso, Alvin Rauh Júnior, Gerold Sprenger, sempre

presente às reuniões e nas quais era convidado para lavrar as atas; Werner Pabst, Manoel Agostini, Theobaldo Costa Jamundá, Arthur Wanke, Maro Marcus Hadlich, Wigand Lauth, José Machota, Willy Nagel, Curt Cândido da Silva, Adolfo Molinari, Erich Stange, Harold Schroeder, Erich Klein, Arthur Hardt, Wigand Hübbes, Klaus Menke, Günter Ebert, Rudibert Knop; de Apiúna, Vitor

Petters, José Petters, Arthur Roedel, Paulo Petters, Nadar Morro, Willy Schultz e tantos outros amigos que jamais os deixarão cair no esquecimento.

Sentindo-se penhorados os ascurrenses com a demonstração sincera de uma amizade pura deixam, finalmente, a expressão de um agradecimento sincero e cordial.

---

## Curiosidades de uma Época - XL

### UMA VIAGEM A BAGDÁ

S. C. Wahle

1995

Em 1973, quando exercia as minhas atividades na COBRAPI (Companhia Brasileira de Projetos Industriais, então uma subsidiária da Companhia Siderúrgica Nacional), fomos procurados para participar de um projeto para uma minisiderurgia a ser construída para o governo do Iraque. Formou-se um consórcio composto das firmas, Bardela, Brown-Bovery, Cobrapi, Setal e Villares. Para discutir os detalhes e mostrar aos iraquianos a capacidade siderúrgica brasileira, visitou-nos uma comissão de engenheiros do Iraque, chefiada pelo Eng. Adnan Abdul Hamid Al-Kindi. Uma vez assentados os detalhes, foi elaborada uma proposta, baseada em um anteprojeto com todas as especificações necessárias.

Para fazer a entrega da proposta ao governo de Bagdá, ficou resolvido que a mesma seria levada por mim, como superintendente do consórcio e conhecedor de

todos os detalhes técnicos e pelo Eng. Manuel A. Lopes, então diretor comercial da Setal, pela sua grande experiência em negociar projetos.

A viagem tinha sido planejada via Paris onde deveríamos baldear para um avião da MEA (Middle East Airways) rumo a Bagdá. Entretanto, no meio da viagem, sobre o Oceano Atlântico, com destino à Paris, o comandante da VARIG anunciava uma greve em Paris, o que mudava a nossa rota, passando a fazer escala em Lisboa e Bruxelas e terminando em Frankfurt. Recomendou aos passageiros que se mantivessem calmos, pois, o pessoal de terra da VARIG, em Lisboa, já tinha tomado todas as providências para o conforto dos passageiros.

Ao chegarmos em Lisboa, a VARIG já tinha providenciado para o Sr. Manuel A. Lopes e para mim reservas em um avião da

Air Libia com destino até Cairo, onde então deveríamos trocar de avião para um aparelho da MEA, com destino à Bagdá. Como o avião da Air Libia iria fazer uma escala em Tripolis (Libia), esta rota parecia-nos não muito confiável, dada a política reinante no Oriente Próximo, e como o dia seguinte era uma sexta feira, que corresponde ao nosso domingo, nos países árabes, poderíamos selecionar uma outra rota. A VARIG então fez-nos seguir até Frankfurt com reservas para um avião da Lufthansa no dia seguinte cedo para Bagdá. Chegados em Frankfurt, aproveitamos a noite para jantar num dos restaurantes especializados em vinho de maçã, que é a grande

atração nesta cidade.

Retornando ao Hotel em torno das 23 horas, o recepcionista comunicou-nos todo excitado a notícia de que os israelitas tinham abatido naquela tarde, sobre o monte Sinai, um avião de passageiros Líbio, com a perda total dos passageiros e tripulantes. Este avião vinha de Lisboa com escala em Tripolis, com destino ao Cairo, e devido a uma tempestade de areia ficou voando nos arredores do Monte Sinai aguardando condições para pousar.

Pelo fato de termos resolvido tomar uma rota diferente em Lisboa, estávamos agora em condições de prosseguir a nossa viagem à Bagdá.

---

## Memória Histórica de Vitoriosa Colonização

(Conclusão)

### RANCHO QUEIMADO E AGUAS MORNAS

O conseqüente desenvolvimento do Perímetro Urbano do então Distrito de Santa Isabel, ainda que diminuto e, portanto, sem maior expressão, desencadeou um movimento para a emancipação político-administrativa da localidade de Rancho Queimado, reivindicando a extensão territorial da então Ex-Colônia Santa Isabel. O município mãe, São José, relutou, mas acabou reconhecendo, em 1962, as aspirações dos reivindicantes.

Aguas Mornas, por sua vez, se emancipou político-administrativamente, com extensão territorial da Ex-Colônia Theresopolis (sic) e parte da de Santa Isabel, através da Resolução Nº. 03, da Câmara Municipal de Santo

Amaro da Imperatriz, transformada em Lei, sob o Nº. 790 e publicada aos 19 de dezembro de 1961. A instalação oficial da nova comuna realizou-se aos 29 de dezembro do mesmo ano.

#### 150 Anos Depois...

Após 150 anos (1847 - 1997) nas pacatas sedes dos Municípios de Aguas Mornas e Rancho Queimado, a primeira impressão é a de que o tempo, por ali, tem como principal atributo a morosidade. Nas dezenas de linhas coloniais, então, a morosidade torna-se ainda mais evidente e expressiva. Torna-se visível que os imigrantes foram vítimas da falta de cumprimento da maioria das promessas a eles feitas pelo Governo Imperial como incen-

tivo à imigração: a) receberiam, gratuitamente, 400 a 600 acres de terra cultivável, e, além disso terra de campo, terra cultivada e terra de mata virgem. b) outrossim, gratuitamente: cavalos, vacas, bois, ovelhas, porcos, galinhas e etc.; c) no primeiro ano cada imigrante receberia a diária de 1 franco e, no ano seguinte, meio franco; d) nos primeiros dez anos, isenção de impostos, com a condição de não se desfazerem da propriedade. Só depois de dez anos começariam a pagar, a título de impostos, a décima parte de seus produtos (43). Além disso, no rol de incentivos o Brasil oferecia a "liberdade de culto"; não nos parece desnecessário rememorar que o Governo Brasileiro deveria prever que entre os imigrantes haveria luteranos. E a concessão da "liberdade de culto", mediante a Constituição Imperial de 1824, era inviável e inconstitucional, uma vez que a referida Carta Magna estabelecia a religião católica como oficial. Outros credos até poderiam ser praticados, em caráter particular, em casas, sem aparência exterior de templo. As promessas falharam, no entanto. Constata-se que a exequibilidade da colonização não fora devidamente reconsiderada: olhava-se o fim, olvidando-se os meios. E não foi por outra razão que fracassou. Com relação a terra, o imigrante alemão "não a trabalhou à guisa de agregado ou de escravo. Trabalhou-a para os seus. Quanto mais produzisse ela, tanto mais enriquecido se tornaria ele. Sedentarizou-se. Ruralizou-se, amando-a" (44).

Sem seleção de colonos, desobrigação de compromissos, nem preocupação de localização, os poderes constituídos fundavam colônias nas nascentes dos rios, em terrenos sáfaros e superfícies acarhadas; toda a extensão territorial era, a princípio, colonizável. A prática, infelizmente, contestou a

teoria. A idéia de instalação de novos núcleos coloniais, por certo, entusiasmava o Governo, que não hesitou em determinar o envio até de soldados indolentes, captados das fileiras do exército e sem domínio do manejo de uma enxada, de uma pá, de uma foice ou de um machado. Tendo esses enunciados como premissas, a conclusão é evidente. O império pretendia manter o domínio geopolítico do Sul do Brasil e, para tanto, a introdução de colonos era imprescindível. Nesse sentido, a colorização de Santa Isabel foi muito bem sucedida.

### Desafio aos Olhos Azuis

A colonização de Santa Isabel não deixou estigmatizado apenas os olhos azuis e os cabelos loiros dos habitantes dos atuais municípios de Rancho Queimado e Aguas Mornas. A cultura do trabalho é visível a qualquer transeunte desavisado e realça como identificação étnica daqueles que nele residem. É costume, sempre que possível, a reunião dos amigos para o Stamistisch (mesa coletiva), onde se encontram para tomar cerveja e conversar a respeito de peripécias, eventualidades cotidianas, dos governantes e de tudo o que venha a significar um simpático pretexto para mais uma descomprometida bebedeira. É prioridade das administrações municipais de Rancho Queimado e Aguas Mornas resgatar, lato sensu, a cultura dos imigrantes e repassá-la criteriosamente para as respectivas populações. Prova essa intenção e compromisso o fato da adaptação da linguagem arquitetônica dos edifícios públicos ao estilo/técnica germânico (veja Prefeitura Municipal de Rancho Queimado). Há uma preocupação em adequar as legislações municipais no sentido de viabilizar e assegurar um investimento significativo no

setor cultural. Corais, Bandas de Música, Grupos Folclóricos, ensino do Idioma Alemão, isenção fiscal ao patrimônio histórico, estímulos fiscais às construções que forem construídas com a técnica enxaimel são inovações culturais nos referidos municípios.

A Colônia Santa Isabel completará, em 1996/7, seu sesquicentenário de fundação. Serão 150 anos de constantes e intensas lutas movidas à esperança; lutas essas marcadas por carências e por fé inabalável. Serão, sobretudo, 150 anos de determinação pelo trabalho e abnegação desses esperançosos imigrantes que aqui construíram sua "pátria nova" e que hoje evidencia que aprenderam a amar esta terra, este

solo que bebeu seu suor e que, infelizmente, não lhes pode corresponder à altura. A viabilidade econômica ao extraordinário esforço e vigor do pulso alemão não correspondeu, em momento algum, aos suores derramados. Mas os valores da cultura do trabalho, da união e da persistência em meio à carência absoluta saíram cristalizados e distinguem seus descendente. A epopéia imigratória da Colônia Santa Isabel a torna palco de gratidão, em detrimento de ufanismo étnico, e nos faz devedores do mais respeitável e insigne reconhecimento da bravura e amor daqueles que, acreditando no Brasil, deixaram sua pátria-mãe e escolheram este solo para berço de seus filhos: nossos antepassados.

#### NOTAS

(1) O Caminho das Tropas teve sua construção iniciada em 1787 e seu itinerário contemplava o Vale do Rio Maruim, passando pelos atuais Municípios de São Pedro de Alcântara, Angelina, Taquaras... Ainda em 1787 um trecho de seu itinerário foi substituído pelo Vale do Rio Cubatão, localizado mais ao sul, e que oferecia melhores condições de tráfego aos tropeiros.

(2) O Rio Cubatão, do sul, com seus afluentes, forma a Bacia Hidrográfica do Cubatão. Banha os municípios de Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz e Águas Mornas.

(3) O Colônia Vargem Grande foi fundada, em 1836, nas margens do Rio Cubatão, por 11 famílias germânicas, num total de 44 pessoas, dissidentes da de São Pedro de Alcântara. Era uma das primeiras consequências das safaras e íngremes terras daquela Colônia São Pedro de Alcântara.

(4) In: Carta endereçada ao Presidente da Província de Santa Catarina, datada de 04/10/1860, assinada pelo Tenente Co-

ronel Gaspar Xavier Neves. Manuscrito original está de posse do Arquivo Público Estadual de Santa Catarina em Florianópolis.

(5) Coronel Joaquim Xavier Neves era natural de Paranaguá, mas desde a infância radicado em São José. Em 04 de abril de 1839 foi eleito Presidente da República Catarinense, com sede em Laguna, mas por diversos motivos não chegou a assumir o posto. Posteriormente foi deputado provincial, chegando a 3<sup>a</sup> Vice-Presidência da Província, cargo que ocupou por algumas semanas. Aos 11 de agosto de 1869, assume a Presidência da Província de Santa Catarina, substituindo Carlos Augusto Ferraz de Abreu; assumiu novamente a presidência aos 19 de agosto de 1869 ficando até 09 de novembro do mesmo ano quando foi substituído pelo 2<sup>o</sup> Vice-Presidente Manoel Nascimento da Fonseca Galvão. Morreu em sua Fazenda, no Cubatão, no dia 04 de abril de 1872.

(6) in: Carta endereçada ao Presidente da Província de Santa Catarina, datada de 04/10/1860, assinada pelo Tenente Co-

ronel Gaspar Xavier Neves.

(7) In: Carta endereçada ao Presidente da Província de Santa Catarina, data de 04/10/1860, assinada pelo Tenente Coronel Gaspar Xavier Neves.

(8) A Colônia Theresopolis (sic) foi fundada aos 03 de junho de 1860 por 40 famílias de imigrantes Westfalianos. Sua denominação é uma homenagem à Imperatriz Theresa Cristina, esposa de Dom Pedro II (\* 1825 + 1891). Este foi aclamado Imperador do Brasil em 1840 e deposto em 1889 com a Proclamação da República.

(9) A Princesa Isabel (\* 1846 + 1921), filha do Imperador Dom Pedro II, foi casada com o Príncipe Gastão de Orleans, o Conde d'Eu. Teve três filhos: Dom Pedro de Alcântara (\* 1875 + 1940); Dom Luiz de Orleans e Bragança (\* 1878 + 1920) e Dom Antônio (\* 1881 + 1918); este último não deixou descendentes, morrendo aos 37 anos na 1ª Guerra Mundial. A Princesa Isabel exerceu o Governo Brasileiro em três regências: 1ª de 25/05/1871 a 30/03/1872 quando da primeira viagem de Dom Pedro II à Europa; 2ª, de 26/03/1876 a 26/09/1877 quando da viagem de Dom Pedro II aos EUA e à Europa; 3ª, de 30/06/1887 a 22/08/1888 quando da terceira viagem de Dom Pedro II à Europa.

(10) A Colônia São Pedro de Alcântara foi fundada por 635 imigrantes alemães, em março de 1829, e constituiu-se na primeira Colônia Alemã do Estado de Santa Catarina. Sua denominação é uma homenagem do então Presidente da Província, Sr. Albuquerque e Mello a Dom Pedro II. A Colônia foi elevada a Freguesia aos 13 de abril de 1844 através da Lei Provincial de Nº 194 e, após intensa luta, conseguiu sua emancipação político-administrativa do Município de São José, mediante Lei Nº 9.534, de 16 de abril de 1894, sancionada pelo Governador Dr. Antônio Carlos Konder Reis. O referido Imperador contraiu matrimônio em Nápolis aos 17 anos de idade, aos 30/05/1843, por procuração, com a Princesa Teresa Cristina.

Dom Pedro II faleceu em Paris aos 05/12/1891 aos 66 anos de idade. Seu corpo foi trasladado para Lisboa com todas as honras de chefe de Estado, e posteriormente (1920) para o Brasil, sendo sua urna funerária sepultada na Catedral de Petrópolis, Rio de Janeiro.

(11) Salientamos que, sob o termo genérico de "alemães" sendo considerados todos quantos provenham da Alemanha: procedam da Baviera ou de Wütemberg, ou da Saxônia, ou da Suábia, como sejam hanoverianos, ou bálticos, ou meclemburgueses. Até alguns Luxemburgueses foram, para efeito de colonização, considerados alemães.

(12) Mathias Schmitz era professor auxiliar em Moritzheim e imigrou para o Brasil, estabelecendo-se, em 1847, na Colônia Santa Isabel. Redigiu uma crônica de incalculável valor histórico relatando detalhadamente as peripécias da viagem transatlântica. Posteriormente Mathias Schmitz se instalou em Teresópolis dedicando-se à agricultura; faleceu em 1896.

(13) Continuação da crônica de Mathias Schmitz. In: Blumenau em CADERNOS. Tomo VII, nº 12. pp. 242-244.

(14) Continuação da crônica de Mathias Schmitz, pp. 248-249.

(15) Cf. Relatório do Presidente da Província Pedro Leitão da Cunha ao Primeiro Vice Presidente da Província Sr. José Francisco de Oliveira em 19/12/1863, p. 25.

(16) MATTOS. Colonização do Estado... p. 110. (Obra Citada).

(17) In: CAMARA Lourival. Estrangeiros em Santa Catarina, p. 34.

(18) Cf. Relatório que o Presidente da Província Anthero José Ferreira de Britto apresentou, em fins de 1848, ao passar, interinamente, a Presidência da Província ao Terceiro Vice Presidente, pp. 6-7.

(19) AVÉ-LALLEMANT. Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. pp. 117 ss.

(20) AVÉ-LALLEMANT. Viagens pelas

Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. pp. 117 ss.

(21) Fala que o Presidente da Província João José Coutinho dirigiu a Assembléia Legislativa Provincial por ocasião da abertura de sua Sessão ordinária em 1º/03/1851, p. 11.

(22) Fala que o Presidente da Província João José Coutinho dirigiu a Assembléia Legislativa Provincial por ocasião da abertura de sua Sessão ordinária em 1º/03/1851, p. 11.

(23) Jornal "O Argos", nº 451, de 09/06/1859, p. 1.

(24) AVÉ-LALLEMANT, Robert. Viagens... p. 119.

(25) TSCHUDI, Johann Jakob von. As Colônias... p. 71.

(26) Jornal "O Argos", nº 673, de 14/03/1861, p. 1.

(27) Relatório apresentado ao Vice Presidente da Província de Santa Catarina, João José de Andrade Pinto, pelo Presidente Francisco Carlos de Araújo Brusque, em 17/04/1861, quando da cerimônia da passagem da administração da Província, p. 8.

(28) Relatório apresentado pelo Presidente da Província Ignácio da Cunha Galvão, aos 17/11/1861, p. 4.

(29) In: Jornal "O Argos", nº 865, de 19/11/1861, p. 2.

(30) TSCHUDI, Johann Jakob von. As Colônias... p. 70.

(31) In: Santa Catarina segundo Wap-päus, p. 33.

(32) In: Relatório do Vice Presidente da Província Francisco José de Oliveira apresentado na Assembléia Legislativa Provincial aos 02 de março de 1864, p. 19.

(33) Cf. Relatório do Presidente da Província Pedro Leitão da Cunha ao Primeiro Vice Presidente da Província Sr. José Francisco de Oliveira em 19/12/1863, p. 26.

(34) MATTOS, Jacinto Antônio de. Colonização do Estado de Santa Catarina... pp. 106-7.

(35) Relatório apresentado ao Primeiro Vice Presidente da Província de Santa Catarina, Francisco José de Oliveira, pelo Presidente Pedro Leitão da Cunha, aos 19/12/1863, p. 26-7.

(36) Jornal "O Despertador", Ano V, nº 460 de 18/06/1867, p. 2.

(37) Jornal "O Despertador", Ano VII, nº 663, de 05/06/1869, p. 1.

(38) Jornal "O Despertador", Ano VII, nº 665, de 12/06/1869, p. 1.

(39) In: Santa Catarina segundo Wap-päus, pp. 33-4.

(40) In: Jornal "O Despertador", Ano VII, nº 671, de 03/07/1869, p. 1.

(41) Jornal "O Despertador", Ano VII, nº 684, de 17/08/1869, p. 1.

(42) In: Nossos Pais, p. 149. (obra citada).

(43) KOCK, Dorvalino. Luxemburgo nas Imigrações... p. 80.

(44) In: CÂMARA Lourival. Estrangeiros em Santa Catarina, p. 25.

#### BIBLIOGRAFIA

AVÉ-LALLEMANT, Robert. Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. São Paulo: Ed. da Universidade, 1980.

CÂMARA, Lourival. Estrangeiros em Santa Catarina. Florianópolis: Publicação do Depto. Estadual de Estatística, 1940.

DALL'ALBA, João Leonir. O Vale do Braço do Norte. Orleans: Ed. do Autor, 1973.

FLOS, Pastor Max-Heinrich. Nossos Pais. Publicado sob os auspícios do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná. São Leopoldo, 1961.

JUNIOR, Victor Antônio Peluso. A Colonização Alemã na área Fronteira à Ilha de Santa Catarina. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 3ª Fase, Nº 2, 1º Semestre de 1980, Florianópolis, pp. 131-145.

KOCK, Dorvalino. Luxemburgo nas Emigrações Alemãs. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Nº 2, 1º Semestre de 1980.

LOPES, José Lupércio. São José — Palhoça, seus antigos e Atuais Limites. Florianópolis: Tipografia Moderna, 1926.

- Monografia do Município de Palhoça. Florianópolis: Livraria Cysne, 1919.
- Monografia do Município de Palhoça, Notícia Estatístico-Descritiva. Florianópolis, 1939.
- MATTOS, Jacinto Antônio de. Colonização do Estado de Santa Catarina, Dados Históricos e Estatísticos (1640-1916). Tipografia "O Dia", Florianópolis, 1917.
- REITZ, Raulino. Alto Biguaçu: Narrativa Cultural Tetrarracial. Florianópolis: Ed. Lunar-delli/Ed. da UFSC, 1988.
- Frutos da Imigração. Brusque: Edição do Autor, 1963.
- SCHADEN, Prof. Francisco S.G. Notas para a História de Loeffelscheidt. São Bonifácio: Ed. do Autor, 1946.
- STOER, Pastor Hermann. Crônica da Comunidade Evangélica de Santa Isabel, a mais antiga Colônia Evangélica Alemã de Santa Catarina. Ed. do Autor, 1936.
- TSCHUDI, Johann Jakob von. As Colônias de Santa Catarina. Apresentação e Anotações de Walter Fernando Piazza. Blumenau: co-edição da Fundação Casa Dr. Blumenau e CNPq, 1988.
- WAPPÄUS, Johann Eduard. Santa Catarina Segundo Wappäus. (Handbuch der Geographie und Statistik Brasilien). Tradução de Custódio F. de Campos. Publicação da Comissão Nacional de História, Seção Santa Catarina; Florianópolis, 1958.

\* Bacharel em Filosofia pela UFSC, autor do livro "Pouso dos Imigrantes" e Assessor Cultural da Prefeitura Municipal de Aguas Mornas/SC.

## REGISTROS DE TOMBO DE BRUSQUE (III)

Pe. Antônio Francisco Bohn

3. Carta Circular de Dom José de Camargo Barros sobre suas Visitas pastorais:

"Encontramos Paróquias, já antigas, que de sua história passada não possuem um documento sequer. Isto revela um desleixo, realmente deplorável que agora queremos remediar por uma medida geral ..."

"Outra grave incúria por Nós observada é a respeito do Livro do Tombo".

A nenhum pároco pode ser desconhecida a importância deste livro, sobretudo quando a sua escrituração é feita com pontualidade e capricho. E a história da Paróquia e o registro de todos os seus documentos. Entretanto, em algumas paróquias é bastante censurável o abandono em que se tem deixado o cumprimento do dever de transcrever neste livro todos os documentos.

Para cortar todas as dificuldades que se possam levantar contra um uso tão útil e até necessário para o bem

das paróquias, vamos dar algumas instruções a respeito do livro de tomo.

Queremos e ordenamos que todas as paróquias e capelarias curadas tenham o seu livro do Tombo, que como os demais livros paroquiais, deve ser rubricado pelas autoridades eclesásticas competentes.

Aconselhamos que na escrituração desse livro se deixe sempre uma pequena margem à esquerda de cada página, se marque com o número de ordem cada peça que aí se transcrever ou registrar e no fim de cada livro, completo e encerrado, se faça um índice, indicando as peças transcritas ou registradas e as folhas correspondentes.

Para evitar dúvidas e hesitações vamos indicar o que é que se deve escrever no livro do Tombo. Este livro, propriamente falando, não é só para a transcrição dos escritos enviados pelo Bispo, é também para o registro de todos os fatos importantes relativos a vida religiosa da paróquia, quaisquer

que sejam.

A respeito, porém, dos papéis oficiais devemos dizer que uns devem ser transcritos e outros registrados. Transcrever é copiar, "ipsis verbis", esses documentos em sua íntegra, registrar é fazer no livro do Tombo o resumo do que eles contém. Quanto aos escritos por Nós enviados às paróquias, far-se-á como indicamos em cada um deles, porque uns mandamos que sejam transcritos integralmente, outros para diminuir o trabalho aos párocos, mandamos que sejam somente registrados.

Devem ser transcritos integralmente aqueles papéis, em que isto se determinar explicitamente, todos os demais, como provisões e portarias impressas, ou de nomeações ou de dispensas matrimoniais ou outros papéis basta que sejam registrados.

Quando os párocos, por acumulação dos trabalhos, confiarem a outros a tarefa da transcrição, devem examinar se está correto, conferi-la com o original e assiná-la.

#### 4 Carta Pastoral

4.1 — Criando uma Caixa Diocesana, em 16 de janeiro, devido à separação Igreja e Estado.

"... Todos sabem que há nesta diocese, paróquias (e são muitas) que nunca poderão ter vigários porque são tão pobres que os seus rendimentos não são suficientes para a sustentação do próprio vigário. Ora, desde que a caixa diocesana seja bem auxiliada por todas as paróquias da diocese, ela poderá concorrer com um auxílio para a manutenção dos vigários nessas paróquias pobres. Assim essas paróquias, ainda que pobres, poderão ter os seus párocos e todas as paróquias da diocese, como boas irmãs, se auxiliarem umas às outras, e a religião prosperará por todas."

4.2 — Sobre as bênçãos com o SS. Sacramento, uma vez que a ignorância religiosa e a falta de respeito são muito notadas, o Bispo solicita que sejam feitas licenças especiais...

4.3 — Sobre a ausência dos párocos nas Paróquias:

"A vista disto, havemos por bem determinar que os párocos e capelães curas que tiverem de ausentar-se de suas paróquias por dois dias ou mais, seja muito embora para ir a esta capital, previamente Nos pedirão licença".

4.4 — Sobre o vinho utilizado nas celebrações:

"Por isso, encarecidamente recomendamos aos padres todos que na celebração da missa façam uso só de vinho nacional que deve ser comprado, de preferência, de fabricantes católicos e conscienciosos."

4.5 — "Por um decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, foi proibido colocar-se o retrato do defunto em seu catafalco na Igreja, bem como depositarem-se coroas e grinaldas em memória dos defuntos depois das exéquias".

4.6 — Sobre os pedidos de dispensas matrimoniais por telegramas:

"porque sendo tais dispensas por telegramas ilícitas, quando não há motivos graves, não responderemos àqueles vigários que nos telegrafarem, pedindo dispensas em casos não previstos".

4.7 — Sobre a criação de um jornal católico. Enquanto não for possível a criação de um jornal próprio, o Bispo recomenda: a Revista Católica e o Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus.

4.8 — Pedido para que seja comunicado o recebimento desta carta pastoral.

Curitiba, 10. de novembro de 1895.  
5. Pastoral de 05 de janeiro de ..  
1897 comunicando o Bispo sua viagem

para São Paulo e dando instruções ao clero.

6. Mandamentos de Dom José de Camargo Barros:

6.1 — Em todas as paróquias, capelarias e curatos desta diocese fica instituída, como obrigatória, a festa da Primeira Comunhão.

6.2 — Determinação de que o dia desta festa seja fixo e invariável em cada ano.

6.3 — Serão admitidos à Primeira Comunhão somente os meninos e meninas maiores de 10 anos.

6.4 — Divisão da preparação em três etapas: Pequeno catecismo, Catecismo de 1ª. Comunhão e Catecismo de Perseverança.

6.5 — Delimitação do tempo de aula em uma hora e meia, por semana.

6.6 — Quanto à pregação, que sejam observadas as Leis canônicas.

6.7 — Nomeação de um sacerdote como Diretor dos catecismos na Diocese e suas atribuições.

6.8 — Que este mandamento seja transcrito no livro do Tombo.

7. Carta circular do Bispo de Curitiba recomendando o ensino do Catecismo e Mandamento, em 06.01.1897.

8. Licença do Sr. Bispo para que possam ser celebradas Missas na Capela de N. Sra. do Caravaggio em qualquer dia, aos 20.04.1897.

9. Provisão de Dom José de Camargo Barros em favor do pároco Pe. Antônio Eising sobre sacramentos, em 13.02.1897 e Provisão de Vigário encomendado.

10. Pedido de Dom José para que seja transcrito o decreto do Papa .... (02.02) sobre a oração Bendito seja Deus, em 03.04.1897 com a Fórmula.

11. Circular de Sua Excia. Rev.ma sobre as Visitas Pastorais e sua preparação; em 17.06.1897

12. Circular do Sr. Bispo concedendo provisão de celebração de missas

nas capelas de Cedro Grande, Cedro Pequeno, Porto Franco, Aguas Negras, Ponta Russa, Poço Fundo, Guabiruba, Gasparinho, Limeira e Lageado; em .. 26.09.1898.

13. Provisão de sacristão da Igreja Matriz da Paróquia de Brusque, em favor de Damiano Maffezzolli, em .. 28.07.1898.

14. Provisão concedendo licença para a fundação de uma capela (São José) em Porto Franco, em 19.02.1898.

"Contanto que seja em lugar alto, livre de umidade, desviada tanto quanto possível de lugares imundos e casas particulares e que tenha âmbito em roda para passarem procissões, devendo ser o lugar para tal fundação assinado pelo Rev.mo vigário da Paróquia, a quem autorizamos para benzer a primeira pedra do edifício na forma do Ritual Romano..."

Obs.: A mesma provisão no mesmo dia deu-se para a fundação de uma capela em Aguas Negras, em Limeira e em 12 de dezembro de 1898 para Nova Itália.

15. Resposta em 27.09.1898 do Sr. Bispo ao pároco sobre a solicitação feita para que fossem feitas duas portas laterais na Matriz.

16. Pedido do Pároco sobre a validade do batismo de Mariana Adame, de religião grego-católica, casada com Leone Adame em 25.10.1898.

Resposta orientando as salutares penitências, em 11.01.1899.

17. Pedido do pároco para que seja procedida a troca do terreno lote nº 22 da sede de Porto Franco pertencente à comunidade católica, com o terreno lote nº. 18 pertencente ao Sr. João Alloni, em 16.11.1898.

"Concedemos a licença pedida, contanto que o contrato de troca se faça de acordo com as leis do país.", em 11/01/1899.

Contrato de troca realizado em .. 30/11/1898,

18. Pedido da comunidade de Aguas Negras para licença de celebração de missa em caso do padre, enquanto a nova capela não esteja terminada, em 16/11/1899.

19. Provisão do Sr. Bispo para a capela de Limeira em 26/09/1899.

Obs.: Provisão quinquenal de celebração de missas para a capela de Limeira. A mesma provisão ao mesmo dia deu-se às capelas de Poço fundo, Lageado, Ponta Russa, Guabiruba, Gasparinho, Aguas Negras, porto Franco, Barracão, Cedro Grande, Cedro Pequeno e a de Azambuja, aos 20/04/1897.

---

## Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiadas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

**José Gonçalves**

— DIA 02/03/1946 — Uma faísca de raio atingiu o transmissor da PRC-4 Rádio Clube de Blumenau, paralisando totalmente as transmissões da emissora. \*\*\* Foi sepultado, em Joinville, o conceituado cronista esportivo e competente gráfico Francisco Palhares, que, na imprensa era conhecido por Pimentinha, pseudônimo com o qual subscrevia suas crônicas.

— DIA 08/03/1946 — Em face da escassês de gasolina, devido as consequências da guerra mundial recém-terminada, generalizou-se no país, um acentuado câmbio negro de combustível, razão pela qual o jornal, nesta edição deste dia, faz séria denúncia sobre o mesmo câmbio negro que vinha acontecendo também em Blumenau.

— DIA 10/03/1946 — Com um retumbante festival e torneio de futebol entre as principais equipes da região do Vale do Itajaí, o Clube Atlético Tupy de Gaspar inaugurou seu novo estádio de futebol. Nesta época, entre os mais destacados valores do Tupy, estavam os benquistos irmãos gasparenses Pileca, Peví e Nana.

— DIA 16/03/1946 — No saguão do Teatro Carlos Gomes, foi aberta, com solenidade, uma exposição de pinturas da consagrada artista Nisia Leite de Barros. Houve grande comparecimento de público.

— DIA 18/03/1946 — Nascia no lar do então conceituado empresário e destacado jornalista Cássio Medeiros, uma bela menina que tomou o nome de Maria da Glória.

— DIA 24/03/1946 — O Circo Irmãos Queirolo, uma das grandes atrações da época no sul do país, despedia-se da platéia blumenauense após mais de 60 dias de estada, com dois grandes espetáculos, nos quais sempre se destacava a atuação do famoso palhaço e humorista "Chic-Chic", interpretado nada mais nada menos do que por um dos proprietários — um dos irmãos Queirolo.

— DIA 03/04/1946 — Somente neste dia a PRC-4 Rádio Clube de Blumenau retornou com suas ondas ao ar para alegria dos ouvintes da região, depois de haver sofrido sérios estragos com a queda de raio em seus transmissores, ocorrida dia 02/03/46.

— DIA 04/04/1946 — Neste dia nascia a menina Edir, filha de Heinz Kammradt, então gerente da Farmácia Catarinense e de sua esposa Dna. Irma.

— DIA 07/04/1946 — Jogando em seu estádio, na Alameda Rio Branco, conhecida como "baixada", o Grêmio Esportivo Olímpico, em tarde pouco inspirada, perdeu para a forte equipe do Clube Atlético Carlos Renaux, pela contagem de 6 a 4.

— DIA 1º — O município de Lontras começou o ano novo festejando a passagem de seus 34 anos de emancipação de Rio do Sul.

— DIA 02 — Segundo índices do I.V.G.P. — Instituto de Pesquisas Sociais da FURB, a inflação anual em Blumenau foi de 23,17%. \*\*\* As Agências de Publicidade FREE, de Blumenau e W.G. Stalimir (ex-Porta-Voz), de Florianópolis, receberam o prêmio "Jornal de Santa Catarina" de melhor anúncio do ano.

— DIA 06 — A imprensa (JSC) destaca o enorme prejuízo causado à cultura de banana, no Médio Vale, pelas chuvas de granizo que ocorreram neste começo de ano e fim do ano passado.

— DIA 10 — Foi iniciada intensa campanha de combate ao mosquito transmissor da febre dengue e da malária em Blumenau, sob a orientação de técnicos da Fundação Nacional de Saúde. \*\*\* É anunciada excelente colheita de cebola da melhor qualidade no Alto Vale.

— DIA 11 — Fortes chuvas acompanhadas de vento, derrubaram árvores e alagaram casas no centro e periferia da cidade, causando pânico à população atingida, felizmente sem maiores consequências.

— DIA 12 — Neste dia faleceu o Sr. Arthur Fouquet, personalidade marcante na vida sócio-econômica de Blumenau. Embora com avançada idade, ainda exercia as funções de presidente do Conselho de Administração da Cremer S.A., Produtos Têxteis e Cirúrgicos, a cuja organização industrial esteve ligado durante a maior parte de sua vida. Arthur Fouquet deixa a saudade entre seus inúmeros amigos e admiradores, pelas excelsas virtudes de fraternidade e cordialidade que sempre ornamentaram sua personalidade brilhante sob todos os aspectos. \*\*\* Começou na vizinha cidade de Pomerode, mais uma edição da já tradicional Festa Pomerana.

— DIA 13 — Vitimado por um acidente, numa sua propriedade do interior do município, faleceu o conceituado cidadão Rodolfo Francisco de Souza Filho, muito conhecido como DUDA. O acontecimento causou profunda consternação entre seus inúmeros amigos e numerosos familiares. O empresário, titular da firma Dudalina, apesar de socorrido imediatamente ao acidente, não resistiu aos ferimentos, vindo a falecer algumas horas após o acidente.

— DIA 21 — No encerramento da Festa Pomerana, o município de Pomerode comemorou seus 37 anos de emancipação política.

— DIA 22 — Trovoada com chuvas torrenciais fez as águas invadirem as residências de moradores em áreas mais baixas de Blumenau, inclusive em diversos bairros, causando inúmeros transtornos às populações atingidas.

— DIA 30 — O Conselho Municipal de Entorpecentes tornou pública a lei que proíbe a venda de bebida alcóolica a menores, distribuindo cartazes com a íntegra da legislação que prevê sérias punições aos infratores. \*\*\* Foi aberta a Terceira Exposição da Oktoberfest-96, com mostra retrospectiva. \*\*\* Em Rio dos Cedros, encapuzados roubaram R\$ 3.400 da agência local do Banco do Estado de Santa Catarina — BESC.

## «Ô Catarina» reaparece com muito vigor e valores reais

Acabamos de receber as duas últimas edições (novembro-dezembro e janeiro-fevereiro - 1995/1996) da aplaudida publicação cultural «Ô Catarina», de responsabilidade editorial da Fundação Catarinense de Cultura. No número novembro, com tantos assuntos de suma importância e valor, para nós, um dos destaques foi a simples mas muito agradável crônica de Júlio de Queiroz «A Qualidade Humana». Destaque-se, ainda, o trabalho de Mário de Souza Chagas sobre museologia. Enfim, nada se perde e muito se ganha com esta edição. A segunda, janeiro-fevereiro-1996, para nós, dois destaques: Victor Meireles, o antigo, moderno e sempre eterno artista de nossa terra e o belo trabalho de Karla Llosa Me-

deiros, resgatando história da saga japonesa no nosso planalto, com o destaque da produção da maçã mais saborosa do mundo, a de São Joaquim. Enfim, os dois números trazem em seu bojo material que nos convida ao retiro e à leitura sem pressa. O diabo é que, nos dias de hoje, com a avalanche de problemas e fatos de toda espécie acontecendo no nosso planeta e transportados no mesmo instante através das ondas ou reflexos dos satélites que infestam a nossa estratosfera, restam poucos daqueles leitores que se recolhem, verdadeiramente para saborear leituras tão agradáveis como as que proporcionam «Ô Catarina.»

O Editor

## Rua XV, mão única (1)

Gervásio Tessaleno da Luz

Há cidades de uma rua só. Ilhota, a mais famosa. Inda que com um privilégio. Todinha asfaltada, a BR. Blumenau, por tempos, correu idêntico risco. Ficar famosa por possuir uma única via. A tão famosa e nossa XV de Novembro.

Tinha uma companheira, mas meio e tanto matusquela. A também com nome de data famosa: Sete de Setembro. Prima pobre. Pouco comércio e limitada em espaço. Quem quisesse, anos atrás, ir pro Garcia, podia esquecê-la. Morria exatamente onde, hoje, se situa a ponte sobre o ribeirão Garcia, vizinhanças da casa da ex-professora, mas eterna poetisa Aiga Barreto Müller Hering. Opção: bus-

car a XV, pegar a rua das Palmeiras, dobrar a esquina da comunidade evangélica e mergulhar na Amazonas.

Hoje, escorre-se, em termos de tráfego, um pouquinho mais fácil, pela Beira-Rio. Obra dum prefeito visionário. o Carlos Curt, também Zadrozny. Blumenau, cidade de três ruas. As do centro.

Qual o valor da XV? Além de ser a principal, ela tem história como todas as cousas. Tirante os chatíssimos turistas, dá-lhe nela um crédito poético.

Dizem que as ruas foram feitas e concebidas para verem as bandas passar. Daqui ou as de lá, d'Alemanha. Puro engano. Foram

sim concebidas, não sabemos por quem, para verem passar GENTE como: — o decano dos advogados de Santa Catarina, Arão Rebelo, — o poeta dos maiores, Geraldo Luz, — uma família honestíssima, comerciantes, os Kieckbusch, — um historiador, que cometeu o erro de aceitar ser prefeito, Zé Ferreira da Silva, — um professor, mais do que isso pintor, Ludwig Emmerich — uma mulher, que quis ser artista, Elke Hering, — um jornalista, Mano Jango, o João Veira, — um ator-batalhador, o Paulo Autran, — um

padre indefinível, o Frei Odorico, — uns jovens porra-loucas, os da TFP (Tradição, Família e Propriedade), — e mais e mais e mais.

A lista seria interminável como todas as listas, com as incontornáveis omissões. «Nobody is perfect», ninguém é perfeito, não é isso aí? Mas prosseguirá.

«Se essa rua fosse minha»... quanta gente nela não caberia? Uma imensidão.

(Do jornal «Rua 15 e Adjacências» de 30/10/1995)

---

## Cartas

---

Recebemos a seguinte :

«Prezado Senhor José Gonçalves

Assunto: Verbetes para dicionário de História (2)

(1) Casa de enxaimel, Tomo XXXVII,  
Janeiro de 1996, Nº. 1.

É com grande satisfação que tomei conhecimento do trabalho de Theobaldo Costa Jamundá, supra citado. O sr. Jamundá foi muito feliz ao abordar o tema: casas de enxaimel.

Houve época em que já tive interesse neste assunto, chegando à conclusão que a casa de enxaimel era usada em toda a Europa, mormente em lugares em que cai neve. Na Alemanha existem regiões, principalmente em áreas rurais onde eram mais usadas. São comuns na Suíça, Áustria, Polônia bem como na Normandia na França.

É um tipo de construção que requeria madeira disponível na região. É preciso ter-se em mente que a estrutura em enxaimel, na grande maioria das casas ou edificações, sem recheio, é uma estrutura hipostática não é autosustentável e só após a colocação do recheio ela se torna hiperestática, i.é, autosustentável.

É um tipo de construção muito usada em regiões onde cai neve, pelo seu telhado mais íngreme, também conhecido como telhado normando. Construções em enxaimel não são estilos arquitetônicos, nem são técnicas e sim são métodos de construção.

Na Monumental Avenue, em Richmond, capital da Virgínia, E.U.A. encontra-se uma casa suntuosa de enxaimel, destinado a um museu. Esta construção está numa região sem nenhuma influência germânica.

Atenciosamente

Siegfried Carlos Wahle».

# GENEALOGIA das famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges

(Continuação)

- T5-98 — Olindina Schmitt, n. 1923.  
T6-99 — Hilda Schmitt, n. 1925.  
T7-100 — Otilia Benta Schmitt, n. 1927.  
T8-101 — José Antonio Schmitt, n. 1929.  
T9-102 — Leonídia Dionizia Schmitt, n. 1934, f. Nicolau Antonio Schmitt e Maria Cecília Ludwig.  
B6-12 — Juliana Ludwig (Varginha) — cc... Koerich.  
B7-13 — Deolinda Ludwig, n. 25.12.1894, f. Pedro Ludwig, n. 16.04.1865 e Ana Maria Hoffmann — n/p Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25.10.1842 — n/m Egídio Hoffmann e Maria Meinchen — cc Gregório Trierweiler Sobrinho, n. 04.09.1891, f. José Trierweiler e Emília Faust, (1ª esp.), + 1929 — n/p Cristóvão Trierweiler e Catarina Stock. Pais de 6 filhos — [21-179].  
T1-103 — Idalina Trierweiler — Rio do Sul — cc Leopoldo Kisner.  
T2-104 — Maria Emília Trierweiler — solt., + c/17 anos.  
T3-105 — Laudelino Trierweiler — solt., +.  
T4-106 — Olga Trierweiler — Rio do Sul — cc Ary Umbehäm.  
T5-107 — Lindolfo Trierweiler — Rio do Sul — cc Irma Sá.  
T6-108 — Valêncio Trierweiler — cc Nanda...  
B8-14 — Beno Pedro Ludwig, n. 20.05.1908, f. Pedro Ludwig, n. 16.04.1865 e Ana Maria Hoffmann — n/p Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25.10.1842 — n/m Egídio Hoffmann e Maria Meinchen — cc Teresa Junkes.  
B9-15 — Olívia Ludwig, n. 05.10.1909, R.C. Spa a 09.10.1909 — (38V-214), f. Pedro Ludwig, n. 16.04.1865 e Ana Maria Hoffmann — n/p Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25.10.1842 — n/m Egídio Hoffmann e Maria Meinchen — cc Antonio Schappo.  
N3-23 — Maria Ludwig, n. 09.10.1866, f. Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt n. 25.10.1842 — n/p João Ludwig, n. 1805 e Elisabeth Winter, n. 1810 — n/m Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — cc Pedro Gorges Jr., n. 23.08.1866, bat. Spa a 29.08.1866, f. Pedro Gorges, n. 1842, + a 04.12.1922, c/80 anos, sep. em Santa Filomena — (94V-65), Spa e Ana Maria Kuhn, n. 1846, + a 29.03.1935, Spa c/89 anos, f. Pedro Kuhn e Catarina Michels — (51V-10), Spa — n/p Matias Gorges, n. 1795 e Margarida Laux, n. 1804 — b/p Antonio Gorges e Maria Prim.  
B1-16 — Ana Bernardina Gorges, n. 27.07.1900, R.C. Spa de 29.07.1900 (19-76), f. Pedro Gorges, n. 23.08.1866 e Maria Ludwig, n. 09.10.1866.  
B2-17 — Huberto Pedro Gorges, n. 16.09.1907, R.C. Spa de 20.09.1907, (35-184), f. Pedro Gorges, n. 23.08.1866 e Maria Ludwig, n. 09.10.1866.  
B3-18 — Francisco Gorges, n. 23.08.1902, R.C. Spa de 25.08.1902, (22-104), f. Pedro Gorges, n. 23.08.1866 e Maria Ludwig, n. 09.10.1866.  
N4-24 — Margarida Ludwig, n. 1868 + Spa a 18.09.1952, c/84 anos — (6V-132), f. Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25.10.1842 — n/p João Ludwig, n. 1805 e Elisabeth Winter, n. 1810 — n/m Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 cc Matias Schweitzer, n. 1868, + Spa a 01.05.1936, c/68 anos, f. Matias Schweitzer e Elena Bornhauser. Pais de 9 filhos.  
B1-19 — Maria Madalena Schweitzer, n. 02.02.1891 — R.C. 30.03.1904, Spa

- (28V-126), f. Matias Schweitzer, n. 1868 e Margarida Ludwig, n. 1868.
- B2-20 — Filomena Schweitzer, n. 21.04.1892 — R.C. Spa 30.03.1904, (28V-126), f. Matias Schweitzer, n. 1868 e Margarida Ludwig, n. 1868.
- B3-21 — Laurina Schweitzer, n. 08.03.1894 — R.C. Spa 30.03.1904, (28V-126), f. Matias Schweitzer, n. 1868 e Margarida Ludwig, n. 1868.
- B4-22 — Marcolino Miguel Schweitzer, n. 11.09.1896 — R.C. Spa 30.03.1904, (28V-126), f. Matias Schweitzer, n. 1868 e Margarida Ludwig, 1868.
- B5-23 — Rafael José Schweitzer, n. 14.11.1898 — R.C. Spa 30.03.1904, (28V-126), f. Matias Schweitzer, n. 1868 e Margarida Ludwig, 1868, + Spa a 18.09.1953, c/ 54 anos — cc Maria Schmitt
- B6-24 — Paulino Schweitzer, n. 1904, f. Matias Schweitzer, n. 1868 e Margarida Ludwig, n. 1868.
- B7-25 — José Matias Schweitzer, n. 1907, f. Matias Schweitzer, 1868 e Margarida Ludwig, 1868.
- B8-26 — Emília Schweitzer, n. 10.08.1906 — R.C. Spa 16.08.1906 — (33-167), f. Matias Schweitzer, n. 1868 e Margarida Ludwig, n. 1868.
- B9-27 — Matias José Schweitzer, n. 10.08.1906 — R.C. Spa 16.08.1906, (33-167), f. Matias Schweitzer, n. 1868 e Margarida Ludwig, n. 1868.
- N5-25 — José Ludwig, n. 1871, f. Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25.10.1842.
- N6-26 — Felisbina Ludwig, n. 1874, + 28.05.1952, c/78 anos, Spa — (6-129) — viúva de Adão Martendal.
- N7-27 — Filomena Ludwig, n. 1877, + 09.12.1943, c/68 anos — viúva de Nicolau Freiburger, n. 1868, + a 23.04.1936, c/68 anos — Spa (96V-85), f. Pedro Freiburger e Felisbina Schmidt, n. 1831 — n/p Pedro Freiburger e Margarida Daniel. Pais de 6 filhos.
- B1-28 — Tolentino Freiburger, n. 26.03.1900 — R.C. Spa a 29.03.1900 (18V-68), f. Nicolau Freiburger, n. 1868 e Filomena Ludwig, n. 1877 — n/p Pedro Freiburger e Felisbina Schmidt, n. —.02.1831 — n/m Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25.10.1842.
- B2-29 — Nicolau Francisco Freiburger, n. 10.10.1901 — (21-94), R.C. Spa 14.10.1901, f. Nicolau Freiburger, n. 1868 e Filomena Ludwig, n. 1877.
- B3-30 — Maria Angelina Freiburger, n. 18.12.1903 — (24-119), R.C. Spa 22/12 1903, f. Nicolau Freiburger, n. 1868 e Filomena Ludwig, n. 1877.
- B4-31 — José Matias Freiburger, n. 13.09.1906 — R.C. Spa 20.09.1906 (33V-168), f. Nicolau Freiburger, n. 1868 e Filomena Ludwig, n. 1877 — cc Verônica Schmitz. Pais de 2 filhos.
- T1-109 — Maria de Lourdes Freiburger.
- T2-110 — José Germano Freiburger.
- B5-32 — Anelino Freiburger, n. 19.04.1908 — R.C. Spa a 25.04.1908 (36V-195), f. Nicolau Freiburger, n. 1868 e Filomena Ludwig, n. 1877.
- B6-33 — Avelinda Freiburger, n. 14.02.1910 — R.C. Spa 20.02.1910 — (39V-221), f. Nicolau Freiburger, n. 1868 e Filomena Ludwig, n. 1877.
- N8-28 — Helena Ludwig, n. 1879, + a 10.06.1945 — Spa (99V-110), c/64 anos, f. Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25.10.1842 — cc Marcos Schweitzer. Pai de 10 filhos.
- T1-111 — Lídia Schweitzer, n. 20.03.1903, f. Marcos Schweitzer e Helena Ludwig — R.C. Spa a 10.01.1904 — (24-120).
- T2-112 — Huberto Schweitzer, n. 16.08.1904 — R.C. Spa a 20.10.1904, (29V-

- 133), f. Marcos Schweitzer e Helena Ludwig.  
 T3-113 — Melânia Schweitzer, n. 24.01.1906 — R.C. Spa a 05.02.1906, (32-157),  
 f. Marcos Schweitzer e Helena Ludwig.  
 T4-114 — Herculano Schweitzer, n. 26.03.1908 — R.C. Spa a 31.04.1908, (36-193), f. Marcos Schweitzer e Helena Ludwig.  
 T5-115 — Meinardo Svhweitzer, n. 30.07.1909 — R.C. Spa a 04.08.1909 (38V-213),  
 f. Marcos Schweitzer e Helena Ludwig.  
 T6-116 — Teófilo Schweitzer, n. 29.10.1910 — R.C. Spa a 15.12.1910, (41V-240), f. Marcos Schweitzer e Helena Ludwig.  
 T7-117 — Modesto Schweitzer, n. 07.01.1912 — R.C. Spa a 09.01.1912, (42-246), f. Marcos Schweitzer e Helena Ludwig.  
 T8-118 — Ida Schweitzer, n. 20.05.1914 — R.C. Spa a 25.05.1914 — (48V-281),  
 f. Marcos Schweitzer e Helena Ludwig.  
 T9-119 — Leo Schweitzer, f. Marcos Schweitzer e Helena Ludwig.  
 T10-120 — Frida Schweitzer, f. Marcos Schweitzer e Helena Ludwig.  
 N9-29 — Bernardina Ludwig, n. 23.11.1882, bat. C.T. a 28.04.1883, fl. 105,  
 T 79 — Rachadel — (11), f. Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt, n. 25.10.1842  
 — n/p João Ludwig, n. 1805 e Elisabeth Winter, n. 1810 — n/m Nicolau Schmidt,  
 n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819.  
 N10-30 — Emília Ludwig, n. 1885, f. Jacó Ludwig, n. 1836 e Catarina Schmidt,  
 n. 25.10.1842 — n/p João Ludwig, n. 1805 e Elisabeth Winter, n. 1810 — n/m Nico-  
 lau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819.  
 F5-5 — Margarida Schmidt, n. 17.07.1844, + Spa a 29.12.1919, c/75 anos —  
 (56V-65), sepultada em Sta Filô, bat. em S.J. a 07 12 1844 — L 840/45, fl. 380V —  
 f. Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819. Naturais e batizados no Reino  
 da Prússia — n/p João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem,  
 n. 1792 — n/m Nicolau Bins, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, n. 1781 — b/m Migue?  
 Bins e Maria Catarina Mintin. Cas. 28.06.1866 — [51V-12] — cc João Petry, n. 1842,  
 + a 25.09.1921, c/79 anos (94-58), viúvo de Margarida Schmidt — Sepultado em Sta  
 Filô, f. Matias Petry e Catarina Pauli. Teve 5 filhos  
 N1-31 — João Petry, n. 1871 — (61-21), f. João Petry e Margarida Schmidt —  
 cc Filomena Winter.  
 N2-32 — Catarina Petry, n. 1873 — (93V-54), f. João Petry, n. 1842 e Margarida  
 Schmidt, n. 17.07.1844 — cc Pedro Winter Jr., f. Pedro Winter e Margarida Kuhn.  
 Pais de 5 filhos.  
 B1-34 — Leopoldo Winter, n. 12.10.1900 — R.C. Spa, 15.10.1900, (20-83), f.  
 Pedro Winter Jr. e Catarina Petry, n. 1873 — n/p Pedro Winter e Margarida Kuhn —  
 n/m João Petry, n. 1842 e Margarida Schmidt, n. 17.07.1844.  
 B2-35 — Germano José Winter, n. 06.05.1903 — R.C. Spa, 10.05.1903, (23-114),  
 f. Pedro Winter Jr. e Catarina Petry, n. 1873.  
 B3-36 — José Winter, n. 11.03.1908 — R.C. Spa, 15.03.1908 — (36-191), f.  
 Pedro Winter Jr. e Catarina Petry, n. 1873.  
 B4-37 — Bertoldo Winter, n. 03.09.1910 — R.C. Spa, 08.09.1910, (40V-232),  
 f. Pedro Winter Jr. e Catarina Petry, n. 1873.  
 B5-38 — Reinoldo Winter, n. 16.08.1914 — R.C. Spa, 25.08.1914, (48V-284),  
 f. Pedro Winter Jr. e Catarina Petry, n. 1873.  
 N3-33 — Margarida Petry, n. 1878, + Spa, 02.07.1943, c/ 65 anos, (59-108) f.  
 João Petry, n. 1842 e Margarida Schmidt, n. 17.07.1844 — cc Miguel Schappo, + a  
 12.03.1949, Spa — (5V-124), viúvo de Margarida Petry — f. Matias Schappo e Ignez  
 Kehrig. Pais de 13 filhos.

## FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.  
Alterada pela Lei Complementar nº. 108, de 22 de dezembro de 1995.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza  
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,  
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89010-001 B L U M E N A U

Santa Catarina

### INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

#### SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

#### A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edith Gaertner"  
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"  
Tipografia e Encadernação.

#### DIRETORIA :

Presidente : Altair Carlos Pimpão  
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann  
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves  
Diretor Depto. Histórico Museológico: Sueli M. V. Petry



Consórcio  
**Breitkopf**

**A CERTEZA DE FAZER O  
MELHOR INVESTIMENTO**

**DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000**

**Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC**

**HERING**

**TÊXTIL**

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.